

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**NATIELE SANTIN DE MOURA**

**PROSTITUIÇÃO – CAMINHOS E DESCAMINHOS DA VIVENCIA DA  
SEXUALIDADE**

**CAÇADOR  
2018**

**NATIELE SANTIN DE MOURA**

**PROSTITUIÇÃO – CAMINHOS E DESCAMINHOS DA VIVENCIA DA  
SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob orientação da professora Neuzeli Aparecida da Silva.

**CAÇADOR  
2018**

**PROSTITUIÇÃO – CAMINHOS E DESCAMINHOS DA VIVENCIA DA  
SEXUALIDADE**

**NATIELE SANTIN DE MOURA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de Avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

**Bacharel em Psicologia**

E aprovado na sua versão final em \_\_\_\_\_, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe e Coordenação do Curso de Psicologia.

---

**Ana Claudia Lawless**  
**Coordenadora do Curso de Psicologia**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Neuzeli Aparecida da Silva  
Presidente

---

Membro

---

Membro

Dedico este trabalho aos meus pais que não mediram esforços para que eu conseguisse tudo o que tenho hoje. Mesmo com todas as dificuldades pelo caminho sempre buscaram o melhor para mim, ensinando através da educação e do amor como alcançar meus objetivos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço minha família: pai e mãe, que não mediram esforços para que eu concluísse este curso. Eles batalharam junto a mim durante cinco anos e estiveram ao meu lado nos momentos difíceis. Sem eles nada disso seria possível.

Agradeço aos meus professores por todo o ensinamento, especialmente a minha orientadora Neuzeli da Silva que esteve a disposição para me auxiliar e principalmente por sua humildade e simplicidade, pessoa na qual sempre me inspirei, modelo de profissional de extremo respeito.

Agradeço aos poucos amigos que tenho, e principalmente a aqueles que consegui durante a graduação. Por todo o seu apoio e por entenderem minha ausência nestes últimos anos, e meu agradecimento também a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada, de forma direta ou indireta, mas que contribuíram de alguma forma para a minha formação.

**“Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida”.**  
**(Sigmund Freud)**

## RESUMO

Este trabalho apresenta o tema “Prostituição – Caminhos e descaminhos da vivência da sexualidade”, a partir de demandas observadas neste tipo de atividade e que não tem grande atenção voltada ao público das prostitutas. Para fazer a pesquisa utilizou-se da metodologia bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa, evidenciando a sua relevância acadêmica, científica e social, cujos resultados e conhecimentos produzidos irão repercutir em favor da aprendizagem sobre as pessoas envolvidas com a prostituição, bem como sobre as mazelas, benefícios, vivências, as origens culturais e familiares destas mulheres e como o psicólogo pode intervir no sofrimento decorrente da prostituição. O estudo foi de grande valia porque apresentou resultados significativos, que permitiram compreender o mundo da prostituição e o papel da psicologia neste.

Palavras-chave: Prostituição, cultura, sofrimento, sexualidade.

## **ABSTRACT**

This work presents the theme "Prostitution - Paths and ways of experiencing sexuality", based on the demands observed in this type of activity and that does not have great attention turned to the public of prostitutes. To carry out the research, a bibliographical methodology was used, with a descriptive and qualitative nature, highlighting its academic, scientific and social relevance, whose results and knowledge produced will have repercussions in favor of learning about the people involved in prostitution, as well as on the benefits, experiences, the cultural and family origins of these women and how the psychologist can intervene in the suffering caused by prostitution. The study was of great value because it presented significant results, which allowed to understand the world of prostitution and the role of psychology in this.

Keywords: Prostitution, culture, suffering, sexuality.



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

DSM-V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders).

DST – Doença Sexualmente Transmissível.

FUMEC - Fundação Mineira de Educação e Cultura.

HIV - Human Immunodeficiency Virus.

UNIARP – Universidade Alto Vale do Rio do Peixe.

OMS - Organização Mundial da Saúde.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	16
2.1 CONCEITUAÇÃO DE SEXUALIDADE .....	16
2.1.1 A sexualidade no decorrer da história.....	17
2.2 CONCEITO DE PROSTITUIÇÃO .....	20
2.2.1 A prostituição no decorrer da história .....	20
2.2.2 Compreensão do termo .....	23
2.2.3 Prostituição feminina, masculina e homossexual .....	25
2.3 FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E PROSTITUIÇÃO .....	30
2.3.1 Considerações da Psicanálise .....	30
2.3.1.1 Consciente, Inconsciente e Pré-Consciente .....	31
2.3.1.2 Instâncias da psique .....	32
2.3.1.3 Instinto .....	35
2.3.1.4 Fases psicosssexuais do desenvolvimento .....	36
2.3.1.5 Prostituição pela visão psicanalítica .....	38
2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS ENVOLVIDOS NA PROSTITUIÇÃO .....	42
2.4.1 Sofrimento Psicológico .....	42
2.4.2 Impacto social da vivencia a prostituição .....	45
2.4.3 A prostituição como instrumento de trabalho .....	48
2.4.4 Tráfico de pessoas para o mercado da prostituição .....	51
2.4.5 Aspectos culturais da prostituição .....	54
3 METODOLOGIA.....	57
3.1 NATUREZA DA PESQUISA .....	57

3.2 PROCEDIMENTOS .....	58
3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	59
CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

## 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade humana, apesar de ser um comportamento instintual, natural ao ser humano, representou um paradoxo no decorrer da evolução e entre as civilizações, onde por um lado era vista de forma desconfiada, porque se impunha o medo principalmente aos jovens devido à gravidez indesejada, as doenças venéreas e outras situações tidas como constrangedoras. Ainda hoje a sexualidade é tabu no contexto de muitas famílias conservadoras, sendo vivenciada de forma reprimida, sem se tocar no assunto.

Por outro lado, a sexualidade despertou continuo interesse na humanidade, desde os tempos mais remotos, chegando a ser venerada tendo-se como exemplo as mitologias, e a ser vivenciada de forma ritualística como nos povos indígenas. Hoje, se tornou assunto comum nas rodas de conversa, uma vez que as pessoas estão mais informadas e estão presentes vários recursos que previnem doenças, gravidez e outros medos, mas de toda forma, a sexualidade sempre é fundamental para a sociedade.

Segundo Lara; Romão e Junqueira (2012), para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é uma necessidade básica que envolve muitos aspectos da vida, incluindo a saúde física e mental.

A sexualidade é uma necessidade básica, e um aspecto central do ser humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, e não pode ser separada de outros aspectos da vida. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico.

Como refere Foucault (1984), a sexualidade em suas várias formas de expressão, especialmente relacionadas ao sexo e prostituição, está explícita em diversos meios, despertando o interesse especialmente entre a população mais jovem que possui a mente curiosa exibindo uma atitude que é reflexa da exposição social aos mecanismos mais diversificados da repressão, e quando pessoas apresentam um comportamento explícito, a curiosidade é despertada.

A prostituição é sem dúvida, uma das formas de expressão da sexualidade que mais causa impacto na sociedade, seja pelo preconceito existente ou pela curiosidade. O tema vem ocupando espaços de discussão na mídia, sendo foco de exploração inclusive nas telenovelas e filmes, e a prostituição acabou se tornando

uma grande fonte comercial, onde muitas pessoas se utilizam deste meio para sua sobrevivência, enquanto outros exploram deliberadamente a prostituição para obtenção de lucro e poder.

De acordo com o Serviço à Mulher Marginalizada (SMM) apud Andrade (2001, web), uma pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas da Fundação Mineira de Educação e Cultura de Belo Horizonte estima que exista 1,1 milhão de mulheres que estão exercendo a prostituição no país. Em razão de ser um comportamento que enfrenta sérios preconceitos, há uma maior dificuldade para se obter dados quantitativos exatos, portanto o SMM acredita que estes dados estejam abaixo do índice real.

A Enciclopédia Delta Larousse (1975, p. 5562), traz a definição de prostituta como “mulher que comercializa o ato sexual; mulher pública, meretriz”. Este termo prostituta é depreciativo e conhecido em todas as culturas, e segundo Lagenest (1973), contempla diversos significados a partir dos modos de vida daquelas que a tem como rótulo.

A prostituição nos tempos modernos apresenta predominância urbana, segundo a Enciclopédia Delta Larousse (1975), tendo como principal causa o problema econômico onde o aluguel do corpo substitui a força de trabalho; em seguida, as questões psicológicas que também colaboram para que uma mulher se torne prostituta, como irrealização afetiva, instabilidade emocional e consequente inadaptação à vida social.

Na sociedade atual, principalmente entre a população jovem, não rara às vezes, o assunto prostituição está presente em rodas de conversa, em reuniões de amigos, mostrando que grande parte das pessoas aborda o tema com mais liberdade e aceitação. Contudo, não se vê a mesma liberdade de expressão por parte de quem está diretamente ligada à situação, ou seja, as pessoas que fazem uso da prostituição.

Considera-se a hipótese de que muitas mulheres, a contragosto ou mesmo voluntariamente encontram na prostituição o único meio de sobrevivência, e acabam vivendo este contexto que aparenta ser difícil, perigoso, não salutar. Para confrontar esta percepção e buscando uma profunda compreensão de como é a realidade em termos psicológicos e sociais para essas mulheres, chegou-se a definição de uma pesquisa nesta área, tendo como tema “Prostituição – caminhos e descaminhos da vivência da sexualidade”.

O anseio em desvendar o universo da prostituição na vida das mulheres envolvidas, foi essencial para motivar a pesquisa, na tentativa de localizar respostas para a seguinte questão problema: na atualidade, quais são as mazelas, os problemas e os supostos benefícios que as mulheres encontram na prostituição, bem como o impacto psicológico, social e familiar dessa experiência em suas vidas?

Como justificativa para a realização da pesquisa, considerou-se o comportamento das pessoas em relação à sexualidade, observando-se as diversas formas de expressão, mas o foco de atenção recaiu sobre a prostituição vivenciada pelas mulheres.

A sexualidade se mostra através da fisiologia, da personalidade e do comportamento, desde o bebê recém-nascido até à pessoa mais velha, tornando-se impossível a existência de uma pessoa não sexuada.

As expressões da sexualidade, inclusive a prostituição pode representar um caminho para a pessoa encontrar sua essência, o seu sentido de existência, o seu auto reconhecimento enquanto homem ou mulher, sua completude em termos psicológicos.

Para a realização do trabalho de pesquisa foi estabelecido como Objetivo Geral: aprofundar o conhecimento sobre o tema prostituição de modo a compreender as mazelas e completudes da vivência da sexualidade por parte das mulheres, e compreender os aspectos psicossociais envolvidos e o papel do psicólogo neste contexto.

Da mesma forma foram levantados os objetivos específicos a serem alcançados: a) exploração do termo sexualidade e suas características; b) estudo dos aspectos psicológicos e sociais da prostituição na vida das mulheres que a vivenciam; c) análise da visão psicanalítica sobre a experiência psicológica e comportamental envolvida na prostituição; d) compreensão do papel do psicólogo no entendimento e atuação diante das demandas que envolvem a prostituição.

Considerando as situações expostas, evidenciou-se a relevância acadêmica deste trabalho de pesquisa, o qual irá proporcionar novas informações à população acadêmica (universitários, professores, e outros interessados), aumentando o seu repertório de conhecimentos.

Constatou-se a relevância científica deste trabalho, considerando-se a profunda investigação acerca dos múltiplos aspectos envolvidos na sexualidade, principalmente referindo-se ao tema prostituição, incluindo a saúde física e psicológica das mulheres que se prostituem, e que são o foco deste estudo.

Ficou clara a relevância social deste trabalho, pois o tema prostituição envolve uma questão muito maior que é a sexualidade, e se faz importante conhecer os aspectos sociais, culturais e outros fatores que possam significar sofrimentos, prejuízos ou mesmo benefícios às mulheres que a vivenciam ou às suas famílias.

Com certeza, é necessário um olhar neutro para que seja possível identificar prejuízos, e também possibilidades dentro de um território desconhecido e tão cheio de preconceitos por parte da sociedade.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa com a preocupação em descrever situações com base realidade e fundamentadas por referenciais teóricos que imprimem confiabilidade.

As consultas incluíram a exploração de livros, artigos científicos publicados em revistas ou através da web, assim como conteúdos desenvolvidos por profissionais e disponibilizados na internet.

Este trabalho apresenta, na continuidade, o referencial teórico que sustentou a investigação, a metodologia mais detalhada, as conclusões obtidas e as referências bibliográficas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CONCEITUAÇÃO DE SEXUALIDADE

A sexualidade não sendo apenas física, ela inclui sexo, gênero, identidade sexual e de gênero, orientação sexual, erotismo e ligação emocional/amor, sendo considerada como um componente universal do comportamento e da realidade humana. Portanto, é de extrema relevância durante toda a vida, sendo presente nos mais diversos movimentos (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Os pesquisadores Reis; Junqueira e Silva (2012, p. 289), referem o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como sexualidade:

A sexualidade é uma necessidade básica, e um aspecto central do ser humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, e não pode ser separada de outros aspectos da vida. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico.

Diehl e Vieira (2017), igualmente referem contribuições da Organização Mundial da Saúde (2002) em um relatório da instituição denominado Defining Sexual Health: Report of a Technical Consultation on Sexual Health, o qual menciona que a sexualidade é expressa em forma de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e também de relacionamentos, mas que apesar de incluir tantas dimensões, nem todas são sempre vivenciadas ou expressas. Além disso, a sexualidade sofre influência de vários fatores como biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

A sexualidade “envolve os desejos, os sentimentos, as atitudes, os valores e os comportamentos que dizem respeito ao erotismo humano, mas suas manifestações dependem das representações sociais em diferentes contextos culturais e históricos” (Bozon, 2004; Louro, 1999; Maia, 2001; 2006; Mottier, 2008; Ribeiro, 1990 apud ANACLETO; MAIA, 2010, p. 56). Ela se fundamenta na estrutura biopsicossocial do sujeito, evoluindo a partir do instinto, onde tem implicação dos valores e da cultura, sendo de grande importância para a formação psíquica do ser humano (REIS; JUNQUEIRA; SILVA, 2012, p. 290).



Bozon (2004) apud Anacleto e Maia (2010) enfatizam o aspecto social e cultural envolvidos na construção da sexualidade; ela depende da coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, mas ambas são aprendidas através da cultura. Portanto, sexualidade humana não é apenas natureza, mas é construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita.

A sexualidade não se explica pela própria sexualidade, nem pela biologia. A sociologia da sexualidade é um trabalho infinito de contextualização social e cultural que visa estabelecer relações múltiplas, e por vezes, desconhecidas, dos fenômenos sexuais com outros processos sociais, o que se pode chamar de construção social da sexualidade. Bozon (2004) apud Anacleto e Maia (2010, p. 56, 57).

Foucault (1976/1984, p.62) apud Anacleto e Maia (2010, p. 57), constrói uma hipótese acerca da sexualidade humana, argumentando que ela não deve ser concebida como um dado apenas da natureza e sim como um produto da conexão, da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres.

[...] é no sexo que devemos procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo; [...] é nele que se pode melhor descobrir o que ele é e aquilo que o determina; e se durante séculos acreditamos que fosse necessário esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabemos agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com o real. No fundo do sexo, está a verdade (FOUCAULT, 1978, p.4 apud GASPARI, 1985, p. 62).

A pessoa se expressa através do sexo, mostrando seus maiores desejos e construção de seu ser como um todo. Este tópico revela muito do ser humano, como a sua criação, a maneira com que enfrentou as fases psicosssexuais do desenvolvimento e como se deu o desenvolvimento de sua personalidade, sendo um tema de campo amplo para estudo.

### 2.1.1 A sexualidade no decorrer da história

Do ponto de vista histórico, com relação à construção da sexualidade pelas civilizações, Diehl e Vieira (2017) falam sobre o povo grego, como uma sociedade marcada pelo intelecto, pela sexualidade e pela beleza. A importância atribuída à beleza e à harmonia acabou por criar uma idealização do corpo nu, sendo exaltados principalmente nas artes, acabando por trazer a eles a concepção de que o sexo é inerente à atividade humana. Outra motivação para essa visão é de que os deuses

gregos eram totalmente sexuados. “Um dado importante para a compreensão da cultura grega no período clássico, no que tange à sexualidade, reside na submissão imposta às mulheres e aos escravos” (ESTEFAM, 2016, p.150).

Diehl e Vieira (2017) argumentam que na Roma Antiga o sexo tinha uma relação próxima com a religião, portanto não havia o preconceito da forma como se conhece hoje. A religião não reprimia o comportamento sexual e seus deuses eram intimamente ligados à sexualidade. “Por exemplo, Juno era a protetora das funções sexuais femininas; Príapo era representado por um enorme falo preso à face humana, sendo associado à fertilidade e à fecundidade de modo geral”.

Segundo Estefam (2016, p. 154) os hábitos sexuais romanos ligados a religião advinham dos bacanais, haviam cultos para o deus Baco em regiões rurais, a finalidade destas cerimônias era o abuso das jovens mulheres que lá estavam, por parte não só dos sacerdotes, mas também dos seguidores dos rituais, que mantinham como alvo a população feminina.

Na Idade Média, a Cristandade governava grande parte dos valores morais e sociais, ela era negativa em relação ao sexo.

Os pensadores cristãos encaravam o sexo, na melhor das hipóteses, como uma espécie de mal necessário, lamentavelmente indispensável para a reprodução humana, mas que perturbava a verdadeira vocação de uma pessoa – a busca da perfeição espiritual, que é, por definição, não sexual e transcende a carne. É por isso que os ensinamentos cristãos exaltam o celibato e a virgindade como as mais elevadas formas de vida (DIEHL; VIEIRA, 2017).

A sexualidade só se associou ao pecado original por conta de São Jerônimo e Santo Agostinho. “Enquanto Adão e Eva estavam no Paraíso, suas genitálias eram como ferramentas dominadas pelo corpo e pela mente, do mesmo modo que os demais membros humanos”. E ao saborearem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal acabaram por perder o controle de seus órgãos sexuais. Com esta concepção instalada na sociedade daquela época, o desejo sexual quando vivenciado acabava por refletir no pecado original (ESTEFAM, 2016, p. 161, 162).

Em 1517, Martinho Lutero apud Estefam (2016, p. 165) apresentou diversos questionamentos a igreja católica advindos da falsa moral com que tratava o tema sexualidade, por conta de um comportamento ambíguo, onde impunha restrições severas, mas também tolerava a quebra dessas mesmas restrições não só por seus fiéis, mas também pelos padres. “Lutero destacara o que via como verdadeiras incongruências, tal como o celibato, encarado como uma postura antinatural, e as

restrições à atividade sexual *intra matrimonium*<sup>1</sup> que só faziam incentivar a procura pelo prazer fora do casamento”.

Durante a Reforma Protestante o amor e o sexo não eram assuntos secretos, a sexualidade era tratada de forma aberta. Perante a visão da nobreza as mulheres eram consideradas como criaturas extremamente sexuais igualmente aos homens, nesse contexto, não estava habituada à afetividade nem mesmo a alguma sensação de posse ou domínio do homem pela mulher (DIEHL, VIEIRA, 2017). O prazer vivenciado entre marido e mulher era aprovado por Deus, os sacerdotes não tinham o dever de se dedicarem ao celibato, o sexo fora do casamento era extremamente vetado, assim condenando o adultério, bem como a sodomia e a prostituição (ESTEFAM, 2016, p. 165).

Já durante a revolução francesa no século XVIII houve uma grande mudança na maneira com que o sexo era tratado. As escolas evitavam contatos de natureza sexual, combatendo também a masturbação. Houve um direcionamento dos jovens para os estudos, sendo educados de maneira que pudessem canalizar sua energia sexual reprimida. Esse marco teve grande repercussão no Vitorianismo, durante o século XIX, juntamente da Revolução Industrial, sendo marcados pela repressão sexual, fortes tabus, hipocrisia e duplo padrão moral, onde a sexualidade deveria ser negada e rejeitada, caso não fosse, a culpa, o pecado, e a imoralidade eram trazidos à tona. Foi um período de extremo pudor e vergonha. O século XX trouxe mudanças sociais e sexuais, com a descoberta de cura para DST's, com as publicações de Freud sobre os Três Ensaios da Sexualidade, assim fazendo com que o sexo passasse a ser responsabilidade da área clínica e da saúde (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Segundo Araújo apud Diehl e Vieira (2017), “em 1956, Gregory Pincus *et al.* desenvolveram o primeiro contraceptivo oral eficaz, a pílula anticoncepcional, que passou a ser comercializada a partir da década de 1960. O sexo foi, então, desvinculado da procriação”.

Como já citado anteriormente, o comportamento sexual e a sexualidade sempre foram temas controversos e polêmicos, com altos e baixos durante a história, ora tomando uma posição mais liberal, ora mais proibitiva. Mas pode ser notado que “os contextos social, econômico, político, cultural, religioso, ideológico e relacional

---

<sup>1</sup> Palavra que deriva do latim, significa: dentro do matrimônio.

influenciam largamente a visão de sexualidade de dado período” (DIEHL; VIEIRA, 2017).

## 2.2 CONCEITO DE PROSTITUIÇÃO

### 2.2.1 A prostituição no decorrer da história

“A prostituição nasceu como um contrato verbal, entabulado entre pessoas livres, sem nenhuma intervenção estatal, desde que efetuado segundo as tradições e os costumes vigentes” (ESTEFAM, 2016, p. 149), tendo como normativa principal que as mulheres bem vistas pela sociedade não tivessem envolvimento nas atividades desenvolvidas. Um exemplo, é o povo assírio, que tinha como punição a pena de morte para homens que tivessem qualquer contato ou relação sexual em bordel ou taverna com uma mulher casada.

Durante a consolidação das mais diversas civilizações, a dominação masculina sobre a mulher era instaurada e reforçada pela religiosidade. O respeito vinha da proteção de um homem e foi construído através da subserviência da mulher, aquelas que não tivessem seu protetor eram tidas como prostitutas ou “não respeitáveis” (LERNER, 1986, apud OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017, p. 4, web).

Desde as isoladas províncias chinesas submetidas ao controle ditatorial de governantes que visam reprimir não apenas a prostituição, mas toda a sexualidade feminina passando por peculiares povos asiáticos como os Badi no Nepal, para os quais a prostituição é naturalizada e tratada como norma social, até os países mais economicamente desenvolvidos da Europa, onde ela pode ser, inclusive, legalizada (Cao & Stack, 2010, Oliveira, 2008, Cox, 1992 apud OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017, p. 4-5, web).

A deusa Íris foi prostituta em uma de suas encarnações, isso demonstra que mesmo por um curto período de tempo, no Egito, a religião e a prostituição caminhavam juntas. No período próximo a 25 a.C., “onde havia pouca distinção legislativa entre gêneros, uma mulher só lograva prosperar em fortuna se contraísse matrimônio ou se se dedicasse ao comércio sexual e as artes cênicas ou, por vezes, um pouco de ambos” (ESTEFAM, 2016, p. 149).

A prostituição, segundo a Grande Enciclopédia Delta Larousse (1975, p. 5561) era ligada a ritos religiosos (fenícios e babilônios), onde as mulheres eram remuneradas simbolicamente, sendo disponibilizadas aos estrangeiros quando atingissem a puberdade, ali acabando por serem desvirginadas. Na Babilônia cerca

de 1750 a.C., ocorreu o “comércio carnal” nos templos que eram disponibilizados exclusivamente para a prostituição, tendo recursos adquiridos para manter os templos babilônicos. Durante esse período as mulheres tinham a obrigação de se dedicarem à prostituição pelo tempo que fosse determinado pelo rei, tendo trajas para serem reconhecidas como disponíveis para sexo, e somente após cumprirem seu dever eram autorizadas a tomar outros rumos em suas vidas (ESTEFAM, 2016, p. 150).

Segundo Diehl e Vieira (2017) na Grécia Antiga:

A mulher poderia ocupar três tipos de posição social: esposa, hetera (ou hetaira) ou prostituta. A hetera era culta, bem-educada, bela, talentosa, inteligente, treinada na arte social e sexualmente ativa. Era uma cortesã de alto nível. Não se limitava a oferecer serviços sexuais: acompanhava os homens em viagens ou reuniões sociais. Já as prostitutas subdividiam-se em níveis: *pornai* (nível inferior) e prostitutas independentes (um grau acima das *pornai*; trabalhavam nas ruas). Existia outro tipo de mulher, que era a concubina, com parceiro fixo, mas não gozava do prestígio e da independência das heteras, nem da proteção legal das esposas. As concubinas eram uma espécie de “esposas secundárias”.

Para o povo grego, o papel das mulheres dentro do matrimônio era exclusivamente para prover herdeiros aos seus maridos, as amantes tinham seu espaço na família, compartilhando do mesmo teto, onde proviam os cuidados do corpo e as acompanhantes tinha o papel de prover o prazer sexual (ESTEFAM, 2016, p. 150).

Mais à frente no tempo, Estefam (2016, p. 152) relata que “as primeiras leis romanas conhecidas não continham disposições relativas a delitos sexuais, menos ainda alguma que regulasse a prostituição em si”. A prostituição nunca foi um tópico de grande importância para Roma, sendo tratada com naturalidade, porém acarretando a estigmatização das mulheres como infames, sendo igualmente tratadas como gladiadores e lutadores de animais que se utilizavam do próprio corpo para obtenção de dinheiro (ESTEFAM, 2016, p. 156).

As “mulheres públicas” viviam, portanto, na penumbra da sociedade romana e chegaram a ser distinguidas das demais inclusive por suas vestes (o Imperador Augusto as obrigou a vestir uma toga diferente da *stola* utilizada pelas matronas), sendo compelidas a se registrar (não para fins sanitários, mas com propósitos discriminatórios, pois ficavam impedidas de ascender socialmente) (ESTEFAM, 2016, p. 156).

Durante a Idade Média, a prostituição foi reconhecida como profissão pelas autoridades passando a ser fonte de renda para o Estado. Durante a Reforma em consequência a mudança drástica dos costumes, era punida com pena de morte.

Durante a revolução industrial houve o seu aumento por conta do êxodo rural e da pobreza gerada na promiscuidade das aglomerações urbanas (GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, 1975, p. 5561).

Segundo o que diz Estefam (2016, p. 161) “A presença crescente da Igreja Católica, desde que foi adotado o Cristianismo como religião oficial por Roma, no final do século IV, fez propagar de maneira até então inédita uma visão casta e repressiva acerca do sexo, sobretudo quando voltado ao prazer”. Jesus Cristo não trouxe ensinamentos sobre sexualidade de maneira direta para o Cristianismo, ele somente tolerou a prostituição através da absolvição de Maria Madalena.

Na doutrina de Santo Agostinho e, depois, de Santo Tomas de Aquino, ela era vista como necessária para conter a volúpia dos homens, com isso protegendo as mulheres honestas dos arroubos sexuais masculinos. Contribuía, ademais, para a preservação do matrimônio, ao conferir aos maridos a oportunidade de realizar seus desejos sexuais incomuns com outras pessoas que não suas esposas (ESTEFAM, 2016, p. 163).

“Em 1358, o Grande Conselho de Veneza declarou a prostituição absolutamente indispensável para o mundo. No século XV, a cidade de Dijon financiou um bordel público. Em Estrasburgo, havia 57 casas de prostituição distribuídas em seis ruas” (ESTEFAM, 2016, p. 163).

Conforme Diehl e Vieira (2017) a mulher tinha uma imagem contraditória no Renascimento. Ela poderia ser uma fonte de provocação, causadora de disputa entre os homens, inimiga da paz, mas aquela mulher pura e virtuosa tinha grande admiração, para que isso acontecesse ela deveria ser sexualmente passiva e submissa.

No Renascentismo:

As prostitutas passaram a poder trabalhar em suas próprias casas. Havia prostíbulo, chamados *prostibula publica*, pertencentes à comunidade. Algumas cidades construíram um *prostibulum*, que era uma ampla residência. O bordel era arrendado à mulher que o dirigia, a abadessa, que recrutava e vigiava as moças, fazia as regras serem respeitadas e relatava às autoridades as conversas dos clientes desconhecidos, o que a tornava uma importante agente de informações. Em 1494, houve uma epidemia de sífilis por contato sexual na Europa, o que foi considerado pela Igreja um castigo de Deus para punir a promiscuidade. Em 1559, Fallopius inventou um tipo de preservativo, com fins profiláticos, que só veio a ser usado com objetivo contraceptivo no século XVIII (DIEHL; VIEIRA, 2017).

“Os bordéis funcionavam com autorização da Igreja. Havia o Bordel da Igreja de Avinhão, no sul da França, destinado somente a cristãos, que proibia a entrada de

judeus e pagãos. O Papa Júlio II, no início do século XVI, fundou um bordel em Roma” (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Conforme a história, a partir do momento em que se constitui uma sociedade a prostituição também tem seu início, como uma situação de grupo, onde de forma indireta existe uma autorização para seu funcionamento, normalmente por motivos de ordem pública. Este sistema pode ser observado em diversos países como Portugal, Turquia, Bolívia, Colômbia, Uruguai, Coreia do Sul, etc. (LAGENEST, 1973, p.49).

Atualmente “a prostituição voluntária é aquela exercida com consentimento válido, supondo escolha real, informada e aceitável, podendo ser autônoma ou não” (SECRETARIA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, 2011, p. 27), há a tolerância de maneira tática pela lei penal do Brasil, o problema tem sido contornado com medidas higiênicas e de assistência social. Como existe a impossibilidade de proibição efetiva, a legislação pune apenas as modalidades do lenocínio que estão ligados de maneira direta com a prostituição como o rufianismo, proxenetismo e tráfico de mulheres (GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, 1975, p. 5561).

### 2.2.2 Compreensão do termo

“Putá, em latim, deriva do verbo *putare*, cortar os ramos de uma árvore, podar, pôr em ordem, “pensar”, contar, calcular, julgar, onde Puta é a deusa que preside à podura” (Severino, 2013, p.94). As palavras puta e meretriz acabaram se tornando sinônimos, pois as mulheres dessa maneira intituladas se entregavam com o intuito de auferir dinheiro para o templo, e não só para obter fecundação da tribo. Entre 1180 e 1230, foram apresentadas as palavras puta e meretriz como pejorativos trazendo o sentido que tem hoje, onde o verbo latino *mereci* (receber um pagamento, merecer uma quantia) ainda não possuía um sentido erótico (Severino, 2013, p.94).

O Dicionário Aurélio Junior traz algumas definições relevantes, Ferreira (2011) diz que: prostituir que é “praticar o ato sexual por dinheiro” e prostituição que tem o significado de “ato de prostituir-se, ou o resultado deste ato, comércio sexual profissional, modo de vida próprio de quem se prostitui”.

Na Roma Antiga “o vocábulo “prostituta”, ademais, deriva do latim *prostare*, ou seja, destacar-se (ESTEFAM, 2016, p. 156).

Segundo Andrade (2001, web) “a palavra “prostituir” vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, pôr à venda, entregar à devassidão. Dela se deriva “prostituta”, para designar as cortesãs de Roma que se colocavam à entrada das casas de devassidão”. Estefam (2016, p. 152) conta que para o período romano, a prostituição tinha sua própria conceituação e esta estava atribuída a três critérios principais, sendo eles a promiscuidade, pagamento e indiferença sentimental entre parceiros.

Para FRANÇA (1994, apud TORRES; DAVIM; COSTA, 1999, web), o termo prostituição, deriva do latim “*prosto*”, que tem como significado “estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público ... é a prática sexual remunerada habitual e promíscua”. Sendo assim, a prostituta, para BRAGA (1982, apud TORRES; DAVIM; COSTA, 1999, web) é, basicamente, “uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor”.

Gaspar (1985, p. 67) comenta que existe uma tese bastante difundida que traz a prostituição como um mal que é necessário para a funcionalidade da sociedade, onde Santo Agostinho afirma:

Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim as prostitutas e seus similares, por mercenárias, vis e imundas que pareçam, são também necessárias e indispensáveis na ordem social. Retirai as prostitutas da via humana e chegareis ao mundo da luxúria (1977, apud Gaspar, 1985, p. 68).

Para Santo Agostinho apud Estefam (2016, p. 162) “a prostituição era encarada como válvula de escape necessária ao desafogo da volúpia masculina; um mal que não se poderia banir, pois, sem ela, a sociedade se veria num caos de luxúria e subversão”.

E Santo Tomás de Aquino (1977) apud Gaspar (1985, p.68), compartilhava dos mesmos conceitos “Retirem-se as cloacas da cidade e tudo encherá de imundície. Retirem-se as meretrizes e tudo se encherá de libido”. Observa-se que o papel da prostituta na sociedade tem grande importância, conforme o pensamento destes citados, enquanto mediadoras de questões relacionadas a sexualidade da sociedade como um todo. Mary Douglas complementa esse pensamento em Pureza e Perigo:

Prostituição é, pois, a “sujeira” que deve ser varrida para um lugar onde não perturbe a ordem estabelecida, não pode conviver com a ordem por oferecer risco de contágio, mas também não deve ser destruída por ser necessária à conservação da ideia de ordem (1976, p. 13, apud GASPAS, 1985, p. 76).



Estefam (2016, p. 200) argumenta que para definir a prostituição é necessária a consideração de três aspectos: contratual, econômico e habitual. Deve-se reconhecer que a prostituição nada mais é do que sexo livremente pactuado, tendo como traços a recíproca dos lados, um que demanda os serviços sexuais e o outro que através de um acordo, entrega-se para tais atividades, caracterizando assim o aspecto contratual.

Para que o fator econômico possa ser incorporado é necessário um artefato para que haja a transição, este é um acordo sobre o serviço sexual prestado. “Seu exercício, assim, parte de uma decisão livre, embora complexa, que se vê erigida socialmente e, quando voluntária, importa numa avaliação das alternativas disponíveis, em uma relação custo/benefício ligada a cada projeto pessoal” (ESTEFAM, 2016, p. 201).

A entrega ocasional (episódica ou isolada) à prática de serviços sexuais mediante remuneração não se insere no conceito ora desenvolvido e refogue as questões fundamentais de respeito à dignidade da pessoa humana. Trata-se a prostituição, em síntese, da atividade profissional, exercida, portanto, com habitualidade e mediante remuneração, cujo objeto reside na livre e consentida prestação de serviços sexuais. (ESTEFAM, 2016, p. 204).

Para Bacelar (1982), a prostituição é nada mais que o desvio perante as normatizações impostas pela sociedade, sendo uma ocupação aceita com grande naturalidade por algumas civilizações, devido a diversos fatores como a pobreza, sendo o meio encontrado para prover sustento.

Pode ser observado que o conceito de prostituição se modificou conforme o período histórico e a civilização em que se dá a conceituação, carregando os estigmas daquela realidade em que a prostituição e a prostituta estava inserida, com suas diferentes características e vivências.

### 2.2.3 Prostituição feminina, masculina e homossexual

Gerda Lerner (1986 apud OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017, p. 3, web), aponta o fato de o mundo ocidental ter se originado após a criação e consolidação do sistema patriarcal nas primeiras civilizações humanas.

Essa estrutura atravessa o imaginário coletivo do machismo, mesmo que de modo inconsciente, sendo reforçada atualmente pela mídia de massas e pela negação de que o corpo da mulher pertence a ela própria. É tão antiga que pode ser encontrada nas primeiras mitologias do patriarcado, como o mito de

Lilith – a primeira mulher de Adão, que teria sido apagada do conto da criação na bíblia e substituída por Eva. De acordo com algumas vertentes da mitologia judaica, a primeira mulher de Adão não foi Eva, mas Lilith, criada igualmente por Deus, a partir do barro. Diferentemente de Eva, cuja história permanece na bíblia, Lilith não teria se sujeitado à dominação de Adão. Assim, além de ter sido banida do paraíso, tornando-se uma imagem demonizada, reaparece em algumas narrativas como a serpente do Éden (OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017, p. 3, web).

Segundo Anima Basak, uma indiana, membro da Federação Abolicionista Internacional (apud Andrade, 2001, web), “a prostituição significa a dominação machista sobre a mulher, que tem um corpo considerado como explorável. Não pode haver prostituição com apenas uma pessoa. Mas é sempre a mulher que leva a marca de pecadora”.

Para Lagenest (1973, p. 18), a prostituta é aquela que sem amor, aluga seu corpo onde ele é usado exclusivamente como um objeto para jogos sexuais sem o objetivo da obtenção de prazer pessoal, assim sendo estes os elementos para que haja a prostituição, marcado pelo aluguel do corpo, os jogos sexuais com total ausência de afeto, onde aquela que obtém prazer através de seu trabalho é considerada má prostituta.

Segundo Bacelar, mesmo com comportamentos desviantes e com todo o descrédito que a figura da prostituta carrega, em seu meio, os “padrões morais que norteiam a união e as regras de fidelidade são bastante rígidos”, (1979, p. 137, apud GASPAS, 1985, p. 77) onde laços sanguíneos e de amizade são vistos a partir de normas regulamentadoras, determinando discernimento entre “relações profissionais” e “relações afetivas”.

Conforme Gaspar (1985, p.78) há a desobediência da regra que faz parte da constituição da identidade feminina, onde acontece a perda da virgindade e da manutenção de relações sexuais com vários parceiros por dinheiro. Porém, como citado acima, existem diretrizes que ditam padrões de comportamento entre meretrizes, assim colaborando para a limitação entre estigma e profissionalismo.

A prostituição traz a estigmatização que pode ser projetado para outros papéis da vida da mulher, assim Bacelar traz a necessidade da delimitação nesse processo, através dos “nomes de guerra”, sendo uma racionalização na tentativa de uma “aceitação de uma identidade estigmatizada, e da tentativa em evitar que o estigma contamine a pessoa total da prostituta (1979, p. 74, 75, apud GASPAS, 1985, p.77) e também um mecanismo de preservação do eu (GOFFMAN, 1975, apud GASPAS, 1985, p. 79).

Cada pessoa apresenta uma identidade pela qual exerce na sociedade, sendo ela a forma de expressão do indivíduo frente as situações enfrentadas no seu meio, e assim acontece com a prostituta que desempenha diversos outros papéis enquanto mulher, como mãe, esposa, até trabalhadora em outra situação ocupacional. Mazzariol comenta isso:

A mulher prostituta atua em diferentes esferas da vida social, ela não é prostituta o tempo todo, ela vive situações fora do mundo da prostituição, ela divide basicamente o mundo em duas esferas de atuação e representação: o “profissional” e o contrário a ele; manipulando suas identidades de acordo com situações (1976, p. 5, apud GASPARG, 1985, p. 76).

O Relatório do Serviço à Mulher Marginalizada apud Andrade (2001, web) apresenta, na cidade de São Paulo, a realidade das mulheres e adolescentes pobres que vivem na rua e albergues, também em hotéis e pensões que as acolhem exclusivamente para atividades de prostituição provém de famílias em situação de miséria, desestruturadas, com abandono de filhos e as meninas encontram na prostituição um meio para ganhar o sustento. Algumas mulheres já fazem parte da segunda ou terceira geração de mães prostituídas. Um grande número delas sofreu violência sexual por parte de familiares, pessoas próximas ou nos locais onde trabalhavam como domésticas. Iniciaram a prostituição na puberdade e adolescência, provocando distúrbios no seu desenvolvimento afetivo-emocional e obstáculos no aprendizado escolar básico e habilidades profissionais; são em sua maioria analfabetas ou semialfabetizadas.

São rejeitadas socialmente pela atividade de prostituição e assimilaram de forma profunda os preconceitos e desvalorização social, fatores que agravam as dificuldades de procura e entrada no mercado de trabalho. Em situação de abandono, são submetidas e exploradas por mulheres e homens que vivem da prostituição (cafetões) e traficantes de drogas. Envolvidas nessas situações, são constantemente presas e vítimas de abusos e violência policial. Mulheres adolescentes, usuárias de drogas, principalmente álcool e crack, utilizam-se da prostituição para conseguir dinheiro para as drogas. Apresentam alta incidência de doenças, incluindo-se alcoolismo e dependência de crack (ANDRADE, 2001, web).

Conforme Andrade (2001, web) conhecidas como “pisteiras”, há mulheres que se arriscam à beira das vias movimentadas. Fazem ponto em postos de gasolina. Vendem minutos de prazer dentro das cabines e podem ser companheiras de viagem. Concentram-se em estradas de tráfego intenso, próximas às regiões carentes e com escassas oportunidades de trabalho.

Em 1957 a ONU (Organização das Nações Unidas) através do Conselho Econômico e Social, em Tóquio, sancionou o neologismo “prostituto” designando o homem ou mulher que se dedica à prostituição, demonstrando o interesse nas formas de prostituição desenvolvidas pelos dois sexos (FONSECA, 1982, p. 218).

A disciplina legal da atividade sexual na Grécia Antiga era escassa, mas havia forte preconceito social contra homens que, na juventude, prostituíram-se ou mantiveram amantes masculinos, exercendo postura passiva na relação. Era comum, ademais, a figura dos pornai, homens ou garotos entregues à prostituição. Aqueles que exerciam tal profissão o faziam abertamente, pois se tratava de atividade legalizada e que, inclusive, gerava o recolhimento de impostos, mas isso resultava em restrições à vida civil, sendo eles banidos de tomar parte em atividades pública (ESTEFAM, 2016, p. 151).

Segundo Fonseca (1982, p. 219) a prostituição teve seu início próximo a 1620, com homens em trajes femininos, que se direcionavam as minas. Fonseca (1982, p. 218) diz que na Dinamarca, bem como no Oriente, do Mar Vermelho ao Pacífico, Aden, Karachi, Hong Kong e Manilha defendem arduamente a prostituição masculina. Em Pequim os prostíbulos que existiam anteriores ao comunismo eram tão famosos quanto os das mulheres, e cobravam duas vezes mais, tendo bases extremamente sólidas, se igualando à prostituição feminina (p. 219).

Em estudo feito em 1960 pela Universidade de Cambridge, foi revelado que no Panamá e em Cuba, antes da revolução, homossexuais abordavam homens normalmente nas ruas dos grandes centros para que pudessem ter relações tanto sexuais quanto amorosas. Em Buenos Aires, homens passivos constituíam quase como um outro ramo dentro da prostituição, onde não só satisfaziam seus desejos, mas logravam lucro, sendo esta a principal motivação para a atividade (FONSECA, 1982, p. 218).

“O universo da prostituição viril é duplamente minoritário e estigmatizado, seja pelo tipo de atividade comercial que os atores sociais desenvolvem, seja pela natureza homossexual do relacionamento que essa transação, na maioria das vezes, envolve” (SANTOS, M., 2011, web).

É com a convivência no ambiente da prostituição que os homossexuais congregam os valores e maneiras do papel feminino, adoram conhecimentos das técnicas do dia a dia da prostituição, de acordo com preferências podem acabar ganhando um nome feminino. O ambiente da prostituição é onde os homossexuais se constroem corporalmente, subjetivamente e socialmente (PELÚCIO, 2012, web).

Pode ser notado que quando há a transformação do homossexual para o papel feminino e que tem início desde a construção de um corpo, onde é necessária a extração dos pelos de pernas e braços, deixar o cabelo crescer e passar a usar maquiagem e roupas femininas. Alguns destes homens fazem o uso de hormônios, cirurgias plásticas, com o intuito de se tornarem cada vez mais femininos (PELÚCIO, 2012, web).

Se “ser travesti” é algo continuado e sem fim, este processo pode ser dividido em algumas etapas. A primeira delas é quando ainda se é “gayzinho” (classificação êmica), ou seja, já assumiu a orientação sexual para familiares e para “a sociedade” (como elas dizem, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. A fase seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiarse de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e a boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo ocasional, furtivo, restrito a momentos de lazer (PELÚCIO, 2012, web).

No comércio sexual se tem uma visão mais clara das práticas sexuais, bem como das atitudes que se devem tomar e o modo como se pode agir, ou seja, o que pode ou não ser feito na rua, com clientes. A busca por homossexuais não é somente de homens solteiros querendo satisfação sexual, mas de homens casados também. Os homossexuais buscam por homens que demonstram masculinidade, esse tipo de homem é o desejo e satisfação maior do homossexual na prostituição (PELÚCIO, 2012, web).

Para Pelúcio (2012, web) a prostituição masculina é entendida de diversas formas, sendo considerada uma atividade respeitosa, em que os indivíduos que se envolvem estão em busca de melhor estabilidade financeira e outros estão em busca do prazer, ou pode ainda ser vista como uma maneira de conquistar bens materiais, deste modo proporcionando uma vida melhor.

Conforme relatos de Santos, M. (2011, web) “O motivo alegado por todos para o ingresso na atividade do sexo comercial são os ganhos financeiros auferidos do exercício da prostituição”. Os garotos inseridos na prostituição têm como objetivo oferecer algo que seja almejado por alguém (desde fantasias até apenas a companhia para alguém que se sinte só) e que está disposta a pagar por seu produto, se apresentando estritamente como profissionais do sexo.

Segundo Pelúcio (2012, web) os homossexuais que se prostituem passam por momentos difíceis onde sentem medo e insegurança, sendo ameaçados, violentados.

A ruptura entre o mundo em que viviam e a nova etapa em que se encontram demanda de muita plasticidade para se adaptar e sobreviver a sua nova maneira de viver.

As análises de Pelúcio (2012, web) deixam explícito que as diferenças marcadas pelo poder, fazem com que os homens que se prostituem, tentem direcionar suas fantasias e relações para que esta desigualdade possa ser diminuída através de padrões que passam a exercer, sendo subentendida por meio do comércio de seu sexo, oferecendo-se para o alcance do prazer alheio. Onde “nessa condição, não podem admitir que também desfrutam de satisfação sexual na relação que estabelecem, um tipo de prazer que claramente transcende aquela forma de gratificação mais evidente que é proporcionada pela remuneração financeira”.

Ao se oferecerem como um objeto de gozo sexual que promete aplacar as carências de sua clientela, esses rapazes procuram ocupar um lugar de prestígio social, mas, por outro lado, simultaneamente, se sujeitam a se equipararem a uma condição de "quase-coisa", de alguém que entrega seu corpo em sacrifício e, supostamente, se "deixa usar" pelo outro em troca de benesses materiais (PELÚCIO, 2012, web).

Exercendo a prostituição conseguem encontrar uma maneira para lidar com sua baixa autoestima, sendo vistos pelo outro como um objeto de valor, de desejo e que tem alguma estima, dando um pouco de equilíbrio a essa relação desigual de poder aquisitivo, sendo este tipo de poder, considerado o mais valorizado no mundo em que vivem “É possível identificar nesse modo de se relacionar com o outro um tipo de estratégia defensiva que esses jovens lançam mão diante das injunções morais desqualificantes produzidas pelo preconceitos de classe e sexuais” (PELÚCIO, 2012, web). A prostituição é uma forma de fuga, principalmente dos estigmas sociais causados pelas desigualdades de classes, pela homofobia e pelos mais diversos tipos de preconceitos sofridos no mundo atual, assim almejando uma posição de destaque perante aos outros que os desejam, se sentindo assim, parte de um todo que antes não lhe parecia acessível.

## 2.3 FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E PROSTITUIÇÃO

### 2.3.1 Considerações da Psicanálise

O modelo psicodinâmico traz a pressuposição de que cada ser tem suas expectativas, motivações muitas vezes inconscientes e padrões de comportamento refletidos em relacionamentos, que se desdobram de experiências vivenciadas na infância com aqueles que compõe o ambiente onde estão inseridos. Pode haver uma variação de indivíduo para indivíduo, onde dependendo das pessoas e das situações alguns apresentam padrões interpessoais mais rígidos, enquanto outros representam padrões mais flexíveis para seus relacionamentos (McCarthy, Gibbons & Barber, 2008 apud YOSHIDA, 2009, web).

Para entender a psicodinâmica de um indivíduo é necessário levar em conta seu funcionamento psíquico, descrito por Sigmund Freud. Segundo Strachey (1969) apud FREUD (1969, livro 19, p. 14) “Os precursores do atual quadro geral da mente foram sucessivamente o ‘Projeto’ de 1895, o capítulo VII de A Interpretação dos Sonhos de 1900 e os artigos metapsicológicos de 1916”.

### 2.3.1.1 Consciente, Inconsciente e Pré-Consciente

Para Freud (1969, livro 19, p. 25) a base fundamental para a psicanálise é a premissa de que o psíquico é dividido entre consciente e inconsciente, tornando compreensível os processos patológicos da vida mental. O consciente é transitório, algo que está na consciência neste momento, pode passar a não estar mais momentos depois (FREUD, 1969, livro 19, p. 26), já o inconsciente pode ir ao encontro de latente e capaz de vir à consciência, mas com a existência de processos mentais extremamente poderosos que podem produzir efeitos comuns como de qualquer ideia, só que não chegam a tornarem-se conscientes. “A premissa inicial de Freud era de que há conexões entre todos os eventos mentais. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estão no inconsciente” (1933, livro 28, p. 90 na ed. bras., apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

"Aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos 'intemporais'. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada" (1920, livro 13, pp. 4M2 na ed. bras., apud FADIMAN, FRAGNER, 1986).

Existem dois tipos de inconsciente sendo um deles latente com capacidade para tornar-se consciente, e outro que é reprimido (estado em que as ideias existem

antes de se tornarem conscientes), e que não se tornará consciente sem trabalho. O tipo latente é chamado de pré-consciente, sendo inconsciente apenas em sua discricção e não em seu sentido dinâmico (FREUD, 1969 livro 19, p. 27). O pré-consciente pode:

[...] incluir lembranças de tudo o que você fez ontem, seu segundo nome, todas as ruas nas quais você morou, a data da conquista da Normandia, seus alimentos prediletos, o cheiro de folhas de outono queimando, o bolo de aniversário de formato estranho que você teve quando fez dez anos, e uma grande quantidade de outras experiências passadas. O pré-consciente é como uma vasta área de posse das lembranças de que a consciência precisa para desempenhar suas funções (FADIMAN, FRAGNER, 1986).

O pré-consciente tem grande influência na vida consciente, emergindo em todos os momentos diários e desenvolvendo um papel de grande importância para o funcionamento mental do indivíduo.

#### 2.3.1.2 Instâncias da psique

Freud propõe três componentes que estruturam a psique: o id, o ego e o superego. Cada ser humano tem uma organização de processos mentais, o primeiro deles é o id, que compreende tudo aquilo que tem início ao nascimento, que é herdado por todos, que reserva energia psíquica para que o ego e o superego operem. “Freud chamou o id de ‘a verdadeira realidade psíquica’ porque ele representa o mundo interno da experiência subjetiva e não tem nenhum conhecimento da realidade objetiva” (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 53).

O id não tolera aumentos de energia, que são experienciados como estados de tensão desfavoráveis. Consequentemente, quando o nível de tensão do organismo aumenta, como resultado ou de estimulação externa ou de excitações internamente produzidas, o id funciona de maneira a descarregar a tensão imediatamente e a fazer o organismo voltar a um nível de energia confortavelmente constante e baixa. Esse princípio da redução de tensão pelo qual o id opera é chamado de princípio do prazer (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 53).

Fadiman e Frager (1986) dizem que o material possuído pelo id é tudo aquilo que a consciência declarou inaceitável, e configurações mentais que não se tornaram conscientes. “Um pensamento ou uma lembrança, excluído da consciência e localizado nas sombras do id, é mesmo assim capaz de influenciar a vida mental de uma pessoa”. Freud deu ênfase ao fato de que materiais esquecidos permanecem o poder de ação em sua mesma intensidade, mas sem controle consciente algum.



A segunda instância é o ego, que controla a externalização das descargas de excitações. “Ela é a instancia mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a cesura sobre os sonhos” (FREUD, 1969, livro 19, pg. 28, 29). “O ego passa a existir porque as necessidades do organismo requerem transações apropriadas com o mundo objetivos da realidade”. A diferença que existe entre o id e o ego é: o id só tem conhecimento da realidade subjetiva da mente, já o ego distingue as coisas que estão na mente das coisas vindas do mundo externo (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 54).

O ego tem seu início e núcleo no sistema perceptivo, adjacente aos resíduos mnêmicos, mas também tem sua parte inconsciente. As percepções são recebidas de fora (sensórias) e de dentro (sensações e sentimentos), podem ser tanto ideias inconscientes que abrangem tudo aquilo que permanece desconhecido, como podem ser pré-conscientes que além de serem desconhecidas, tem vinculações com as representações verbais. Estas verbalizações vindas do pré-consciente, com sua interposição acabam por criar contato com o sistema perceptivo assim se transformando em percepções conscientes. (FREUD, 1969, p. 32, 33, 36, 37).

O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funda-se com ele. [...] é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do sistema perceptivo. [...] o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto (FREUD, 1969, p. 38, 39).

Freud diz que o ego tem movimentos voluntários, que decorrem da ligação entre a percepção sensorial e a ação muscular, com a finalidade de autopreservação. O ego obtém total “[...] controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações”. Quando existe o aumento das tensões o ego interpreta isso como desprazer, e quando essas situações se amenizam há o prazer, ele se esforça para obtenção de prazer e conseqüentemente distância do desprazer (1940, livro 7, p. 18-19, apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

O superego é a terceira instância que se desenvolve por último no ser humano, representando interpretações feitas pelos pais que são passadas pela criança relacionadas a doutrinas e regras tradicionais, sociais, impostas à essa criança

através de um processo onde há recompensas e punições para sua efetivação (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 54).

Freud descreve três funções do superego: consciência, auto-observação e formação de ideais. Enquanto consciência, o superego age tanto para restringir, proibir ou julgar a atividade consciente; mas também age inconscientemente. As restrições inconscientes são indiretas, aparecendo como compulsões ou proibições. "Aquele que sofre (de compulsões e proibições) comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe" (1907, livro 31, apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

Já Hall, Lindzey e Campbell (2000, p. 55) trazem a função do superego como aquele que decide, a partir dos padrões morais da sociedade, se alguma atitude a ser tomada é certa ou errada, inibindo impulsos do id, de natureza agressiva e sexual, buscando sempre a perfeição.

Segundo Freud (1969, livro 19, p.49) "o ideal do ego (superego) tem a missão de reprimir o complexo de Édipo", não nascendo apenas das escolhas primitivas e objetais do id, mas representando uma formação reativa de energia contra estas tais escolhas. Portanto, é necessária a explanação sobre o complexo de Édipo. Em forma simplificada, o caso de uma criança do sexo masculino pode ser descrito do seguinte modo. Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, [...] e trata o pai identificando-se com este.

Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. [...] juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. [...] o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) resultado que fixará o caráter feminino da criança (FREUD, 1969, livro 19, p. 46, 47).

O superego retém o caráter paterno, quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente for tomado à repressão (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da leitura) mais forte e severa será a posterior dominação do superego sobre o ego, sob a forma da consciência ou, talvez de um sentimento inconsciente de culpa (FREUD, 1969, livro 19, p. 49).

### 2.3.1.3 Instinto

Para Freud os instintos são "a suprema causa de toda atividade" (1940, livro 7, p. 21 apud FADIMAN, FRAGER, 1986), sendo os seus aspectos físicos equivalentes às necessidades, enquanto os seus aspectos mentais podem ser comumente denominados desejos. Os instintos são as forças propulsoras que incitam as pessoas a toda e qualquer ação.

Existe uma energia psíquica decorrente dos processos metabólicos do corpo, que é resultado de todos os instintos tomados juntos. Estes estão localizados no id, que é sede de toda essa energia, e fornecedor de energia psicológica para as operações da personalidade (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000, p. 56).

Todo instinto tem quatro componentes: uma fonte, uma finalidade, uma pressão e um objeto. A fonte, quando emerge a necessidade, pode ser uma parte do corpo ou todo ele. A finalidade é reduzir a necessidade até que mais nenhuma ação seja necessária, é dar ao organismo a satisfação que ele no momento deseja. A pressão é a quantidade de energia ou força que é usada para satisfazer ou gratificar o instinto; ela é determinada pela intensidade ou urgência da necessidade subjacente. O objeto de um instinto é qualquer coisa, ação ou expressão que permite a satisfação da finalidade original (FADIMAN, FRAGER, 1986).

"[...] a meta de um instinto tem um caráter essencialmente regressivo, uma vez que faz a pessoa retornar a um estado anterior, um estado que existia antes de o instinto aparecer" (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000, p. 56), buscando a redução das tensões ocasionadas por fatores estressores que foram diminuídos de maneira apropriada.

"O deslocamento de energia de um objeto para outro é o aspecto mais importante da dinâmica da personalidade. Ele explica a aparente plasticidade da natureza humana e a notável versatilidade do comportamento humano" (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000, p. 57). "Os instintos sexuais fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, que permite uma satisfação instintual ser substituída por outra, e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos..." (FREUD, 1933, livro 28, p. 122 apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

Um instinto que tem sua fonte de energia separado é a Libido (da palavra latina para "desejo" ou "anseio") é a energia aproveitável para os instintos de vida, "sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenómenos psicosexuais observados" (FREUD, 1905,

livro 2, p. 113 apud FADIMAN, FRAGER, 1986). A libido é marcada por sua "mobilidade", a maneira com que consegue transitar de uma área onde está obtendo atenção para outra. "Freud descreveu a natureza passageira da receptividade emocional como um fluxo de energia, fluindo para dentro e para fora das áreas de interesse imediato" (FADIMAN, FRAGER, 1986).

#### 2.3.1.4 Fases psicosexuais do desenvolvimento

Cada fase durante os primeiros cinco anos é definida conforma a zona específica do corpo, sendo primeira fase, a oral. "A pulsão básica do bebê [...] é apenas receber alimento para atenuar as tensões de fome e sede. Enquanto é alimentada, a criança é também confortada, aninhada, acalentada e acariciada", ela associa a alimentação ao prazer e a redução de tensão (FADIMAN, FRAGER, 1986).

O funcionamento oral embasa a mais vasta rede de interesses, atitudes e traços de caráter, usando para seu intermédio as sublimações e deslocamentos, bem como defesas contra os impulsos orais mais primitivos (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 65). Ainda para Hall, Lindzey e Campbell, a fase oral é marcada por total dependência da mãe para a sobrevivência do bebê, sendo o período onde os sentimentos de dependência surgem, e que tendem a persistir por toda a vida, aparecendo em momentos onde a pessoa se sente insegura ou ansiosa.

A segunda fase psicosexual é a anal. Hall, Lindzey e Campbell (1986, p. 66) relatam que a expulsão das fezes remove o desconforto e produz um sentimento de alívio. Próximo ao segundo ano de vida a criança ao iniciar o treinamento para deixar as fraudas passa pela experiência decisiva com a regulação interna da um impulso intestinal, aprendendo a adiar o prazer obtido do alívio das tensões anais.

A obtenção do controle fisiológico é ligada à percepção de que esse controle é uma nova fonte de prazer. Além disso, as crianças aprendem com rapidez que o crescente nível de controle lhes traz atenção e elogios por parte de seus pais. O inverso também é verdadeiro; o interesse dos pais no treinamento da higiene permite à criança exigir atenção tanto pelo controle bem-sucedido quanto pelos "erros" (FADIMAN, FRAGER, 1986).

Adultos podem apresentar características diretamente associadas à fixação parcial na fase anal são: ordem, parcimônia e obstinação. Freud apud Fadiman e Frager (1986), observou que esses três traços geralmente serão percebidos de

maneira conjunta, denominando esses comportamentos de “caráter anal”, decorrentes das experiências sofridas durante esse período.

A terceira fase é a fálica. Segundo Fadiman e Frager (1986):

Bem cedo, já aos três anos, a criança entra na fase fálica, que focaliza as áreas genitais do corpo. Freud afirmava que essa fase é melhor caracterizada por "fálica" uma vez que é o período em que uma criança se dá conta de seu pênis ou da falta de um. É a primeira fase em que as crianças tomam-se conscientes das diferenças sexuais.

A masturbação e as fantasias constroem o cenário para que o complexo de Édipo (já citado anteriormente) apareça, recebendo esse nome de um rei de Tebas que matou o pai e se casou com a mãe. “Os sentimentos se expressam através das fantasias da criança durante a masturbação e na alteração dos atos de amor e rebelião em relação aos pais”. Sendo modificado e reprimido aos cinco anos. As atitudes em relação ao sexo oposto e em relação a pessoas de autoridade, por exemplo, são grandemente condicionadas pelo complexo de Édipo (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 66).

Segundo Freud apud Fadiman e Frager (1986) o menino:

[...] deseja possuir sua mãe e matar seu pai para realizar este destino. Ele também teme seu pai e receia ser castrado por ele, reduzindo a criança a um ser sem sexo e, portanto, inofensivo. A ansiedade da castração, o temor e o amor pelo seu pai, e o amor e o desejo sexual por sua mãe não podem nunca ser completamente resolvidos. Na infância, todo o complexo é reprimido. Mantê-lo inconsciente, impedi-lo de aparecer, evitar até mesmo que se pense a respeito ou que se refuta sobre ele, essas são algumas das primeiras tarefas do superego em desenvolvimento.

Para as meninas, há uma similaridade, mas a maneira com que buscam uma solução diferente. Enquanto os meninos reprimem seus sentimentos, em parte pelo medo da castração, a necessidade da menina de reprimir seus desejos é menos severa, menos total por conta da necessidade de possuir seu pai. A diferença em intensidade permite a elas "permanecerem nela (situação edipiana) por um tempo indeterminado; destroem-na tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto" (1933, livro 29, p. 35 apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

Conforme os autores supracitados, da idade de 5, 6 anos até o começo da puberdade, há a denominação do período de intenda, um tempo em que os desejos sexuais não resolvidos da fase fálica não são atendidos pelo ego e cuja repressão é feita, com sucesso, pelo superego.

"A partir desse ponto, até a puberdade, estende-se o que se conhece por período de latência. Durante ele a sexualidade normalmente não avança mais, pelo contrário, os anseios sexuais diminuem de vigor e são abandonadas e esquecidas muitas coisas que a criança fazia e conhecia. Nesse período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como vergonha, repulsa e moralidade, que estão destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando" (FREUD, 1926, livro 25, p. 128 apud FADIMAN, FRAGER, 1986).

A última fase psicosexual é a genital, onde a atração sexual, socialização, atividades grupais começam a ter uma manifestação significativa (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p. 68). É "a fase final do desenvolvimento biológico e psicológico ocorre com o início da puberdade e o conseqüente retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais", onde meninos e meninas estão tornando conscientes suas identidades sexuais distintas e iniciam a busca da satisfação de suas necessidades interpessoais e eróticas de maneiras e formas diferentes (FADIMAN, FRAGER, 1986).

#### 2.3.1.5 Prostituição pela visão psicanalítica

No pensamento de Freud (1905 apud CARNEIRO, 2014, web) a criança é motivada a qualquer coisa pela sua curiosidade sexual. Esta curiosidade não está ligada apenas ao ato sexual, mas sim a tudo que proporciona prazer ao corpo. Calligaris (2013 apud CARNEIRO, 2014, web) afirma que esta mesma necessidade do saber prevalece na vida de cada sujeito, levando-se em conta que o sexo tem grande influência na organização emocional de qualquer indivíduo.

Segundo a psicanálise, existe um período onde a menina, tem uma sensação de atração pelo pai, e com o aprendizado durante esta fase se torna ciente de que precisa reprimir este desejo e buscar outro homem, revigorando este desejo em outra relação. Calligaris (2005 apud CARNEIRO, 2014, web) "refere-se ao fato primeiro da passagem "puta" que toda menina tem que fazer em seu complexo de Édipo e castração, em que trair o pai a favor de outro homem e de seu equilíbrio psíquico se torna fundamental" e que a prostituição é então, uma fase pela qual obrigatoriamente uma mulher passe para que assim, tenha a capacidade de erotizar seu corpo, através da elaboração dos fatores edípicos, conhecendo aquilo que lhe causa gozo.

O início da elaboração das pulsões em uma mulher pode ter interferências, causando confusão e podendo em meio a este processo dar origem a prostituta, sendo a prostituição algo que não advém apenas do ambiente onde a mulher está inserida,

mas do significante “prostituta”, sendo aquela que resolve por si mesma o ato de sua castração. “A fantasia da prostituição permitiria que a mulher desenvolva sua sexualidade sem as amarras do pai e se entregue à relação com um outro objeto de desejo, geralmente um homem” (CARNEIRO, 2014, web). Para a mulher poder superar o conflito entre ter a sexualidade de uma prostituta e a de uma “santa”, há três alternativas, segundo Calligaris:

Se ela estabelecer, para outro homem, o mesmo valor de desejo que atribuiu ao pai, terá de ser só uma “santa”, e não se entregar sexualmente a ele, pois a última coisa que quer perder é o amor. Mas a mulher pode também entender o contrário. Quando deve superar o desejo pelo pai, sente-se traída e pensa o seguinte: quero todos os homens no lugar de um. Então, ela escolhe a outra possibilidade: ser prostituta. Não somente a prostituição real, mas a entrega a homens desconhecidos, como aparentemente o caso de Bruna Surfistinha. Na terceira alternativa, quando a mulher lida bem com essa questão edípica, ela não precisa escolher um dos dois papéis. Pode amar e ao mesmo tempo se entregar totalmente na relação sexual, condensando em uma coexistência harmoniosa os papéis da santa e da puta (CALLIGARIS, 2013 apud CARNEIRO, 2014, web).

Sendo a prostituição uma caricatura intensa do imaginário, há a permissão para que aquele sujeito através de suas fantasias, represente o que de maneira consciente ou inconsciente ela almeja alcançar, seja no que se refere a completude ou ao reconhecimento do próprio self (SEVERINO, 2004).

Dessa percepção pode-se encontrar uma sentença em que Lacan (1973, apud CARNEIRO, 2014, web) diz que a relação sexual não existe durante o ato com a prostituta, é vista a sintetização de fantasias encontrados em um encontro em comum, onde cada indivíduo se relaciona com suas próprias fantasias, sem a real mistura de corpos e almas decorrentes do romantismo. “Nos típicos obsessivo e histérica, ele pensa em outra mulher e ela pensa nele com uma outra, a outra mulher misteriosa, aquela do “o que ela tem que eu não tenho?” e tenta alcançá-la através dessa fantasia sem fim”. Tais afirmações vêm ao encontro do que Severino (2013, p.14) fala relacionado a manipulação do corpo da mulher prostituta:

O corpo humano é imagem da sociedade e, portanto, não pode haver um modo natural de considerar o corpo que não implique ao mesmo tempo uma dimensão social. É, pois o corpo, na sua dimensão social. É, pois o corpo, na sua dimensão social, que emerge das fantasias do imaginário prostitucional.

“As fantasias resgatadas contem aspectos que se manifestam no presente e condicionam o futuro. A expectativa do novo que o futuro oferece só se cumpre através da rememoração de um passado reprimido” (SEVERINO, 2013, p. 38).

As fantasias destas mulheres podem estar relacionadas ao se entregar enquanto mercadoria à venda, mas também pode estar vinculada a busca do prazer dadas as circunstâncias de sua história pessoal, que irão refletir em sua atividade. Há uma questão levantada nas pesquisas de Guimarães onde não há a separação entre essas duas vivências.

Ao apertar uma determinada tecla, a mulher prostituta-máquina esquece o prazer e sua história pessoal, passando a agir tão somente como mercadoria à venda. Em um outro momento, de atração por um cliente, aperta-se outra tecla, e o que vai predominar é a busca do prazer, vivenciada pela história pessoal (GUIMARÃES, 2007, p.72, web).

“Existem casos em que pode acontecer esse desmembramento exclusivamente como mercadoria à venda e outros como busca do prazer. Porém, não exclui a possibilidade de que exista prazer na prática da prostituição”, isso se dá ao fato de algumas mulheres tem vários caminhos que podem seguir, mudando no momento em que desejarem, mas acabam por permanecer, pois ali, conseguem a satisfação de suas necessidades sexuais (GUIMARÃES, 2007, p. 73, web).

Dentro ainda do tópico fantasias, há uma onde a mulher pode disponibilizar seu corpo a um homem, sem regras, escolhas, condições, sendo assim, livre para gozar de seu corpo, sem se culpabilizar por aquilo. Esta passagem remete ao que Guimarães (2007, p. 73, web) cita, colocando o se prostituir como uma maneira de vivenciar a sexualidade livremente. Também pode ser encarada como uma atitude de rebeldia, onde há a oposição as regras e moralidades, voltadas principalmente ao casamento, maternidade e submissão (GUIMARÃES, 2007, p. 75, web).

Conforme os pensamentos de Dolto (1988 apud CARNEIRO, 2014, web) ele sustenta a ideia de que há um complexo fálico os indivíduos criam para serem produtores de algo, se assegurando, tirando forças para ser. Outros tópicos podem ser associados à prostituição feminina, como uma mulher sendo criada para ser passiva, servindo sempre ao outro, assim paralisando, gerando incapacidade para dizer não a única situação que lhe aparenta ser possível para produção, que é a prostituição. Esses fatores levam ao encontro dos “trilhamentos mentais aos quais se refere Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*<sup>2</sup>, onde as experiências iniciais da vida marcam e criam vias que o sujeito repete em sua vida, retornando sempre àqueles caminhos conhecidos” (CARNEIRO, 2014, web).

---

<sup>2</sup> Trata-se de um texto complexo e inacabado onde Freud se propôs a estruturar uma psicologia que fosse uma ciência natural, datado de 1895.



É observado que em diversos casos a solidão e a desvalorização são dominados pelo sexo, também sendo usado para expor o ódio em relação aos pais, os agredindo internamente. A principal busca é pela proteção, pelo alimento e pelos cuidados, tão buscados a vida toda em seus pais. Portanto, existem dois objetivos a serem alcançados que se utilizam da prostituição como alicerce, a vingança dessa carência de amor e a descarga do ódio, assim podendo encontrar alguém que a cuide como nunca foi cuidada em sua vida. São estes fatores que acabam sendo a explicação para “essas mulheres apresentarem uma dificuldade em amadurecer emocionalmente e se tornarem independentes. Já que inconscientemente sentem que nunca receberam o amor na infância, e a demanda pela atenção permanece sempre presente” (GUIMARÃES, 2007, p. 87, 88, web). Com isso, fica um pouco mais clara a noção do dinheiro enquanto um símbolo de afeto, calor humano e carinho, já que representa o alimento que elas tanto imploraram, mas que nunca tiveram.

Diante de um sentimento muito intenso de desvalorização, mesmo que mascarado, tornar-se uma garota de programa pode oferecer uma esperança desesperada, no sentido de aliviar as tensões internas, porém, ao invés de resolver os conflitos, acaba por intensificá-los. Portanto, elas passam a buscar inconscientemente mecanismos de defesas, um após outro, numa tentativa de dissipar as ansiedades e os sentimentos de culpa que as afligem (GUIMARÃES, 2007, p. 88, web).

Quatro mecanismos de defesa são encontrados, sendo o primeiro deles a projeção, onde elas acabam afirmando que todas as mulheres são putas. O segundo mecanismo é a negação, destacando que não existiria diferença entre a prostituição e qualquer outro negócio. O terceiro se refere a uma formação reativa, em uma busca de exteriorizar atos extremamente opostos ao impulso originário, por exemplo, tentando se mostrar alegre, independente, bem resolvida sexualmente. E o quarto corresponde à auto degradação, acreditando que, por ter sofrido a vida inteira a rejeição, passam a desacreditar na vida e nas afetividades verdadeiras. Mas por último, pode ser observada a presença marcante de aspectos depressivos (GUIMARÃES, 2007, p. 88, 89, web).

Segundo Adler (1991, p.13) a prostituição não é, um destino, como pensam alguns romancistas, nem uma tara passada por gerações, como afirmam os criminologistas. Ela se distancia muito de um vício, ou de uma doença mortal, conforme gostaria de crer um bom número de moralistas. Para ele “A prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente. Abandona o lado paterno porque foi encorajada a isso

ou porque acredita numa liberdade ilusória” (ADLER, 1991, p.13 apud GUIMARÃES, 2007, p. 93, WEB).

Finalizando, pode ser observado que a figura da mulher prostituta é composta através de estereótipos, um deles revela uma mulher que busca satisfazer a todos, mas neste processo há também a procura pela sua própria satisfação em meio a todo o sofrimento e a todos os conflitos acima descritos. Cada mulher responde de maneira diferente as adversidades impostas a ela, e algumas acabam caminhando para a prostituição e assim reproduzindo comportamentos decorrentes destas adversidades.

## 2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS ENVOLVIDOS NA PROSTITUIÇÃO

### 2.4.1 Sofrimento Psicológico

O exercício da prostituição envolve algo que vai além da satisfação de desejo e fantasias sexuais, em pesquisa realizada pelo Instituto Andaluz da Mulher, 75% das mulheres que se prostituem estão demonstrando desde a abstinência sexual até a solidão, encontrando assim, alguém para que possa a ouvir e fazer companhia suprimindo esse vazio afetivo e socioafetivo. “O meretrício, portanto, pode ser visto como a assunção acordada de um papel que substitui temporariamente a carência por relações pessoais, cuja construção demandaria tempo e se mostraria, por vezes, trabalhosa” (ESTEFAM, 2016, p. 200).

Severino (2013, p. 45) diz que: “o isolamento dos sujeitos, impostos pela divisão do trabalho, de um lado, exacerba a sexualidade, enquanto, de outro, impede a sua plena satisfação”. A prostituição é algo que não promove reconhecimento social, muitas vezes também não possui um bem-estar vinculado às prevenções para a saúde e aos direitos trabalhistas, se tornando um fator gerador de sofrimento e de adoecimento mental (DEJOURS, 1994, apud FILHO, 2013, p. 266, web).

O reconhecimento social citado anteriormente tem um peso sobre o indivíduo, advindo da relação do eu com o outro, para Gernet (2010, p. 63 apud FILHO, 2013, p. 269, web) “quando ele mantém um relacionamento razoável com a realidade por meio de seu trabalho e este não é reconhecido pelos outros, é condenado à solidão alienadora definida como alienação social”.

A validação do trabalho pelo reconhecimento conferido pelos outros contribui de maneira considerável para a construção do sentido do trabalho. Sem o reconhecimento, o sofrimento gerado pelo encontro com o trabalho segue, com efeito, desprovido de significação. O reconhecimento permite dar ao sofrimento uma significação social. Ele pode mesmo permitir a transformação do sofrimento em prazer, quando a engenhosidade empregada para superar as dificuldades que se apresentam não é colocada em um beco sem saída pela organização do trabalho e é reconhecida pelos outros como uma contribuição integral (GERNET; DEJOURS, 2011, p. 65 apud FILHO, 2013, p. 268, web).

Filho (2013, p. 265, web) diz que a relação com o trabalho advém de uma história, e uma memória, “[...]utilizando-se de raízes psicanalistas, atribui à relação familiar o papel de um dos principais interlocutores para a escolha profissional, pois é assim que a criança irá tomar as angustias dos pais como suas”.

Para Dejours (2010, p. 156, apud FILHO, 2013, p. 266, web) “o trabalho é a ocasião de transportar mais uma vez o cenário original do sofrimento para a realidade social, num teatro menos generosamente aberto, contudo, que o precedente ao livre voo da imaginação”. Filho (2013, p. 266, web) acrescenta:

As prostitutas colocam esse temor em cena. Estão sempre em perigo. No discurso social estão identificadas ao dejetivo, ao falo, à parte perdida do corpo. Como tal, à margem da falta, toda lei protetora as exclui dos direitos sociais e individuais, tornando-as o alvo privilegiado da violência destinada ao retorno do recalcado. Aqui, ou estão situadas aquém do desejo, ou tentando preservá-lo.

Por conta do não reconhecimento a desmotivação, a depressão e o stress, podem ser riscos recorrentes à profissional do sexo, sem contar os efeitos secundários, como o aumento excessivo do uso de drogas por exemplo (TORRES; DAVIM; COSTA, 1999, web). “No estudo da FUMEC, 76% das prostitutas entrevistadas apresentaram sintomas de depressão, 59% de stress crônico e 36% disseram ter pensado em suicídio alguma vez desde que começaram a prostituir-se” (ANDRADE, 2001, web).

As substâncias tóxicas, por muitas vezes podem se tornar a única fonte de prazer, conforme o psicanalista Sigmund Freud (1996 [1927-1931], p. 50 apud Filho, 2013, p.266, web):

Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimento, e só o sentimento como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou

nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis.

Segundo Goffman (apud Bacelar, 1982, p. 11) por conta de uma estigmatização social daquela pessoa que acabou por incorporar, ela acaba tornando-se extremamente predisposta a incorporar opiniões externas, aceitando que está abaixo do que deveria ter se tornado, “a vergonha se torna uma possibilidade central que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar como um não-portador dele”.

Conforme o pensamento de Rossi (2010, apud FILHO, 2013, p. 267, web), aparentemente o possível sofrimento psíquico elaborado pelas profissionais do sexo é de outro patamar, não referente ao reconhecimento por sua atividade, por seu exercício, mas sim, o reconhecimento por parte da sociedade, que pelos valores morais não aceitam a prostituição como uma profissão. Sendo este fator grande causador de sofrimento, não somente da prostituta, mas de muitos profissionais na mesma situação.

Por cotidiano, compreende-se um modo de se estar imerso nas preocupações do dia a vida e lançados sem possibilidades de escolhas. Nessa compreensão, essas mulheres se esquecem de si mesmas, não se dando conta de que são os outros que determinam suas possibilidades. Surge aí a inautenticidade, distanciam-se delas próprias e vivenciam o medo e a ambiguidade (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web).

A ambiguidade vivenciada é advinda do fato de não optarem por este caminho que as leva a prostituição, mas continuarem inertes, sem buscar diferentes realidades. O espaço da prostituição é um ambiente rodeado pelo sofrimento e pela periculosidade. Várias mulheres verbalizam que por conta de agressões, das mazelas e desrespeito, gostariam de mudar de atividade, mas por fatores como pouca qualificação, não conseguem em sua perspectiva encontrar opções para a mudança, e acabam permanecendo na prostituição (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web).

Por fim, chega-se ao ponto onde se questiona se a prostituta viverá apenas de sofrimento. Carneiro (2014, web) diz que em situações raras onde o sujeito encontra autonomia e clareza quanto aos riscos e transições que acontecem nesta atividade, ele pode sim ser feliz. Carneiro citando Freud (1937) salienta que ao final de uma análise, qualquer sujeito deve ser capaz de amar e trabalhar, enfrentando o sofrimento neurótico se direcionando a uma infelicidade comum. Quando há a capacidade de amar e trabalhar juntamente da autonomia, o indivíduo terá a possibilidade de ser feliz,

dentro das mais diversas conceituações de felicidade, independentemente de qualquer que seja sua profissão.

#### 2.4.2 Impacto social da vivência a prostituição

Grande parte das pessoas que usam a prostituição como meio de sobrevivência têm sobre si a desaprovação e condenação da sociedade, onde pode-se notar que há a utilização do pré-conceito antes da busca pelas causas, “toda vez que se discute a prostituição, coloca-se o foco na mulher e ergue-se um muro de silêncio em torno do homem que paga e, portanto, mantém o comércio do sexo” (ANDRADE, 2001, web).

A situação marginal pela qual a prostituição passa está associada ao estigma que carrega, sendo o estigma a preconceção que se transforma em normas esperadas pela sociedade, e que são exigidas duramente pelo todo social. O processo de estigmatização desvaloriza aquele grupo ou indivíduo, onde ele acaba por ser visto apenas em seus aspectos ruins, sendo diminuído. “Assim, uma das características essenciais do estigma é a intensidade do seu efeito de descrédito, sempre desproporcional e muito grande, pois trata-se de uma discrepância entre a identidade social virtual dessa pessoa e sua identidade social real” (BURBULHAN; GUIMARÃES; BRUNS, 2012, web).

Por conta da estigmatização os atributos pessoais relacionados as mulheres envolvidas com a prostituição são claramente ambíguos, carregando consigo aspectos onde:

(...) são representadas como se nada possuíssem. Podem estar disfarçadas de monstros, usar apenas uma tira de pano como vestimenta ou aparecer simplesmente nuas, para demonstrar que como seres limiares não possuem status, propriedades, insígnias, roupa mundana indicativa de classe ou papel social, posição em um sistema de parentesco, em suma, nada que as possa distinguir (TURNER, 1974, p.117-8).

Se, por um lado, a prostituição traz a marca de um estigma relacionado a comportamentos e práticas sexuais marginais, por outro, é justamente dessa marginalidade que ela tira sua força. Não tendo a necessidade de estar em evidência no meio social, aproveita-se do fato de que a profissional que se utiliza do sexo não existe sem o cliente que irá busca-la onde quer que esta esteja. Eles se envolvem em uma situação mútua, onde um vai ao encontro de outro, cada um com seus desejos,

sendo estes a busca de prazer, satisfação e a promessa de satisfação, sendo este fator o que sustenta a prostituição (CARNEIRO, 2014, web).

Conforme Andrade (2001, web), nos Estudos da CNBB, “Prostituição, desafio à sociedade e a Igreja”, Dom Luciano Duarte argumenta que:

A prostituição, como instituição legal, é uma mancha vergonhosa em nossa civilização. É a aceitação de um fato, postulado pelo egoísmo dos homens, propiciado pela fragilidade das mulheres, amparado pela hipocrisia generalizada [...] uma coisa é algo de que a gente se serve, como quem usa um sabonete num lavatório. Depois se deixa para lá. Uma pessoa é algo que é preciso descobrir por detrás da fuligem do cotidiano. Uma pessoa é alguém que tem um nome, uma história, foi criança, teve ilusões, sonhou com a vida, sentiu desabrochar dentro de seu coração uma aspiração de felicidade.

Ela tem a capacidade de adaptação de acordo com as diferentes épocas e sociedades, se modificando para abranger as diferentes necessidades do mercado. Marginalizada, a prostituta tem a capacidade de exercer a sexualidade sem limitações, se utilizando da liberdade sexual, portanto, ela ocupa uma posição de extrema importância na economia psíquica dos prazeres na cultura atual do ocidente (CARNEIRO, 2014, web).

“Não há como negar a realidade possível de opressão e domínio patriarcal no meio da prostituição ou mesmo o viés capitalista de exploração de mão de obra barata” (ESTEFAM, 2016, p. 202). As relações entre homens e mulheres, quando advém da desigualdade de poder, pode resultar em violação dos direitos humanos, acarretando em malefícios para a saúde da mulher e também social, a expondo a outros tipos de violência (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web).

A sociedade construiu durante toda uma história um contexto onde a prostituta sempre sofreu violência, esta violência sendo física, por conta dos locais em que ela atua, na rua é onde ela está mais vulnerável a agressões dos agenciadores, dos clientes, da polícia e principalmente agressões relacionadas ao acerto do serviço e uso da camisinha (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web). Segundo Estefam (2016, p. 206) quando há grave ameaça, fraude, ou qualquer ação que impeça ou dificulte a liberdade para que a pessoa se manifeste, não existe prostituição e sim crime.

Entre os vários riscos, estão aqueles relacionados às agressões, pois as mulheres não escolhem os clientes e a violência nesse cenário é constante, tanto física como abusos sexuais, tráfico de mulheres, estupros, roubos, insultos, xingamentos e outros, manifestados por humilhações, ofensas verbais e morais (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web).

A violência contra a mulher está relacionada principalmente a questões de gênero, acabando por acarretar outros fatores que se associam a um tipo de violência, como o uso de drogas, a baixa autoestima, a forma de vida e do trabalho que está desempenhando (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, web).

O fator que causa prejuízo com a vivência da prostituição é a idade. Como o produto oferecido para consumo na prostituição é o corpo, normalmente ao se aproximarem dos 30 anos, as mulheres acabam por encarar uma baixa em sua rentabilidade, o que por vezes não as atrapalha, fazendo com que continuem na “vida”, “evidentemente, a faixa etária do declínio será variável, consoante a mulher individualmente e, em especial refletindo a própria estratificação social e econômica da prostituição” (BACELAR, 1982, p. 99).

A situação prostitucional pode trazer diversos prejuízos sociais, os mais observados são os de saúde pública. Com o crescimento do mercado sexual encontra-se terreno fértil para lucrar na era em que a AIDS e as DST's estão sendo grande motivo de preocupação. As profissionais do sexo se encontram em uma posição vulnerável, que engloba o acesso às informações associadas ao HIV/AIDS e sexualidade, assim como as redes de atendimento disponibilizadas para a redução da sua vulnerabilidade frente as infecções do HIV e das doenças sexualmente transmissíveis (SANTOS, M., 2011, web). A necessidade de atenção a estas questões está crescendo com o decorrer das décadas, sendo um tópico que precisa de um atendimento diferenciado e intenso, para a melhor qualidade de vida não só da profissional do sexo, mas da sociedade sexualmente ativa também.

Outra causa de grande preocupação é com as adolescentes que se mudam para grandes centros como migrantes, tendo em mente encontrar trabalho fácil por grandes quantidades em dinheiro e pelo estudo, mas acabam por acabando dificuldades em seu caminho como desqualificação profissional, documentação irregular e analfabetismo, caindo assim na marginalidade, na opção aparentemente mais fácil de sobreviver, acabando por concorrerem com as prostitutas que estão a mais tempo e são consideradas profissionais no ramo, e procurando também de alguma maneira, satisfazer o luxo da vida moderna (TORRES; DAVIM; COSTA, 1999, web).

A prostituição carrega suas mazelas por um lado, mas também apresenta seus benefícios em outro, já que há grande busca pela atividade. Pode-se encontrar grande satisfação, segundo Oliveira, Guimarães e Ferreira (2017, web), com as chamadas

prostitutas de luxo ou garotas de programa, que encontrar seus clientes através de sites, boates, catálogos de modelos, em bairros de classe alta e clubes de strip-tease. Estas chamadas garotas de programa não se voltam apenas aos programas sexuais, seus programas acabam por ter maior duração e são contratadas também como acompanhantes executivas, sendo mulheres que normalmente cursam o ensino superior.

Martin (2003 apud GUIMARÃES, 2007, p. 67, 68 web) com suas pesquisas identificou três aspectos positivos quanto à prática da prostituição, sendo estes, o dinheiro que é ganho, que acaba por abrir caminhos onde há a realização de sonhos que não poderiam ser alcançados fora da prostituição,

Alguns autores como Andrade e Teixeira (2004, apud OLIVEIRA, GUIMARÃES, FERREIRA, 2017, web), relatam que muitas dessas mulheres são de realidades diferentes, vindo de famílias pobres, e que encontraram sustento nesta maneira de viver. Pode ser notado que através da prostituição essas pessoas conseguiram mudar sua realidade, se dedicando a atividade que até então lhes traz benefícios, em uma sociedade que pode lhes proporcionar o conforto que esperam.

#### 2.4.3 A prostituição como instrumento de trabalho

O termo trabalho de acordo com Holanda (1986, p.1695, apud GUIMARÃES, 2007, p. 53, web) é dividido em três aspectos, o primeiro é a aplicação das forças e capacidades humanas para chegar a um certo fim, o segundo é de que a atividade precisa ter caráter físico e/ou intelectual para que se realize uma tarefa, serviço ou empreendimento, e o terceiro é o exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão.

Existem três nortes que tratam da prostituição, segundo o que Oliveira, Guimarães e Ferreira, (2017, web) exploram em seus estudos: o abolicionismo, regulamentarismo e o probicionismo. Dentro do abolicionismo há o entendimento da prostituição como um meio de exploração sexual, fazendo uma conexão direta e análoga ao trabalho escravo. O segundo norte tem uma visão aberta e direcionada à regulamentação da prostituição, fiscalização e taxada pelo Estado, sendo entendida como uma atividade legal. O probicionismo é baseado em valores morais, condenando a atividade e as pessoas inseridas, sendo mais observados em países conservadores e puritanos.



O termo “profissional do sexo” surgiu em meados da década de 1970 para designar as pessoas que se prostituem. Já no ano de 1990, as políticas públicas direcionadas à prostituição começaram a mudar devido à emergência de organizações integradas por prostitutas que reivindicavam tanto os direitos sociais de cidadania quanto o reconhecimento da prostituição como uma profissão (OLIVEIRA, GUIMARÃES, FERREIRA, 2017, web).

“Para a reinvenção de uma nova ordem, as relações de trabalho são de fundamental importância, uma vez que são elas que conferem aos indivíduos os signos de sua identidade social”, a mulher que está despida de qualquer signo, no margilumpenato, acaba por encontrar o trabalho onde pode criar sonhos e fantasias (SEVERINO, 2013, p. 128). Conforme o que Guimarães (2007, p. 53, web) diz, a mulher que faz de seu corpo um instrumental para trabalhar, troca-o como um objeto pelo dinheiro, se assemelhando aos mais diversos profissionais, das mais variadas áreas. A única diferença da profissional do sexo é o preconceito e estigmatização que esta carrega atribuída pela sociedade.

A prostituição voluntária no Brasil, atualmente é lícita, e consta na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério de Trabalho e Emprego (MTE), como item 5198: Profissionais do Sexo (SECRETARIA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, 2011, p. 27).

Apesar de já existir uma categoria para as profissionais do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações, essas mulheres permanecem marginalizadas, pois, embora nosso país não entenda a prática da prostituição em si como um crime, todo o mercado a ela relacionado é considerado crime. Este fato caracteriza [...] uma atitude abolicionista da prostituição, sendo tratada como prática imoral, mas não ilícita, eliminando, dessa forma, o controle estatal. Assim, é facilmente constatável que, mesmo que não sendo uma atuação ilícita, a prostituição ainda é uma prática muito marginalizada e suas representantes continuam sendo consideradas depravadas pela sociedade em geral (BURBULHAN; GUIMARÃES; BRUNS, 2012, web).

De acordo com artigo do Serviço à Mulher Marginalizada apud Andrade (2001), esta ONG que estuda a prostituição, diz que a atividade sendo considerada uma profissão é considerar o sexo e o corpo daquele que está utilizando dessa opção é uma mercadoria e que acabam por fortalecer padrões de comportamentos marcados pela dominação masculina e submissão da mulher.

Os movimentos em prol das prostitutas surgiram da necessidade de uma atenção diferenciada a esta população que sofre com repressão e violência tanto de clientes quando de policiais de maneira marcante, e acabaram por trazer mudanças importantes para estas mulheres. Os movimentos formaram organizações quem com

o tempo acabaram por se transformar em associações e redes de apoio as profissionais do sexo, tendo como principal fonte de motivação a descriminalização de sua atividade e o reconhecimento dela como forma de trabalho, ante o congresso nacional (OLIVEIRA, GUIMARÃES, FERREIRA, 2017, web).

A prostituição não é um meio de trabalho somente para as mulheres que se doam a esta atividade, mas é também uma forma de lucro para várias outras pessoas, configurando uma rede que favorece a todos dentro do mercado da prostituição. As boates, são um exemplo, de locais bem estruturados, onde cada um desempenha um papel e a sua função faz com que o estabelecimento possa funcionar de maneira ordenada. Segundo Gaspar (1985, p. 22) as boates têm uma organização social, contendo como seus integrantes: porteiros, garçons, proprietários e gerentes, e as garotas.

Os porteiros são aqueles que impedem a entrada de pessoas não desejadas, como clientes que não pagam suas contas, pessoas que abusam de álcool e drogas, as que causam confusão e brigas, mulheres que não se vestem de acordo com o ambiente, entre outros. Ele também tem contato com o lado de fora, obtendo drogas solicitadas pelos clientes, mas seu principal papel é garantir ordem na casa (GASPAR, 1985p. 22).

Conforme o autor supracitado, os garçons estão incumbidos de dirigir os clientes que chegam as mesas e descrever as atrações para estes. Também servem os clientes fazendo com que consumam o máximo possível daquilo que estão oferecendo.

Os proprietários e gerentes organizam o funcionamento geral, tem influência direta na escolha das meninas, bem como contratos e pagamentos, bem como a resolução de pequenos problemas, mas sempre com o máximo de descrição (GASPAR, 1985, p. 23).

As garotas são reunidas em grande número nas boates, tem o papel de induzir o cliente para que gaste dinheiro com o consumo de bebidas, em algumas casas elas também recebem uma porcentagem em cima dos gastos dos clientes. A boate pode ser a principal fonte de renda, mas elas também disponibilizam seus cadastros em agências de turismo conhecidas por oferecer serviços sexuais, ou trabalham através de cafetinas, até fazendo shows eróticos. Os trajes da noite são os mais ousados e a maquiagem bastante carregada, transmitindo sensualidade de maneira explícita. Para Seeger (1980, apud Gaspar, 1985, p. 24) “a ornamentação de um órgão pode estar

relacionada com o significado simbólico desse órgão numa sociedade”, isso demonstra que ênfase dada pela sociedade atual nas zonas erógenas do corpo feminino.

O que Guimarães (2007, p. 53, web) pode observar sobre a prostituição como um modo de trabalho foi que a maioria das mulheres sempre buscam uma separação entre sua mente e seu corpo, onde durante um programa somente seu corpo está envolvido, sendo este um objeto que o cliente aluga por um período e ela atua uma suposta satisfação que ele lhe causa, para que assim ele também se sinta satisfeito. Elas justificam sua escolha pela prostituição como uma forma mais rápida de ganhar dinheiro, ou para poder sustentar seus filhos, tendo diferença de motivações conforme a origem familiar da mulher.

O Brasil é um país com grande índice de preconceito e intolerância, há uma grave marginalização e exclusão das mulheres prostitutas, onde se nega os direitos trabalhistas, causado principalmente por um moralismo superficial (OLIVEIRA, GUIMARÃES, FERREIRA, 2017, web). Este moralismo que sempre condenou a atividade desde os primórdios, vindo de povos que sempre se utilizaram livremente da atividade destas mulheres.

#### 2.4.4 Tráfico de pessoas para o mercado da prostituição

Lèvi-Strauss (1982, p. 279, apud ANTON, 2012, p. 29) traz diferentes períodos da história da humanidade no que se refere aos “doadores de mulheres” e aos critérios de “troca e venda” que existiram durante as mais diversas civilizações. Por conta de um tabu existente acerca do incesto, descrito por Freud, que é um processo que organiza uma sociedade, assim, não permitindo “homens de um mesmo clã conservar para si as mulheres que, nesse contexto, se originavam” (ANTON, 2012, p.29).

As mulheres eram consideradas a moeda mais importante, podendo ser negociadas desde a mais tenra infância. Elas eram trocadas, principalmente, por outras mulheres, e esse comércio constituía-se em direito e dever dos tios maternos, denominados “avúnculos”. [...] as mulheres deviam renunciar aos principais marcadores de seu grupo de origem, e aderir totalmente ao novo. Poderiam ser trocadas ou devolvidas, caso houvesse alguma insatisfação, mas isso implicava em severas consequências individuais e coletivas (ANTON, 2012, p. 29).

Para a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República do Brasil (2012, p. 10), tem o olhar voltado aos direitos humanos das mulheres,

centrando em três elementos: o movimento de pessoas, tanto nacional quanto internacionalmente, o uso de engano ou coerção onde há o uso de ameaça, abuso de autoridade ou situação de vulnerabilidade, e a finalidade de exploração, podendo ser sexual, doméstico, praticas similares à escravidão, servidão, casamento servil, entre outros.

No Protocolo Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas da ONU, no artigo 3º, há o conceito de tráfico de pessoas como:

O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares à escravidão, a servidão ou a remoção de órgãos (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011, p. 9).

Segundo a Secretaria de Política para as Mulheres (2011, p. 10) uma mulher pode consentir em migrar para trabalhar como doméstica ou prostituta ou para trabalhar irregularmente em outro lugar, mas isso não significa que ela tenha consentido em trabalhar de forma forçada ou em condições similares à escravidão, bem como em ser explorada, e se isso acontecer fica caracterizado o tráfico de mulheres. Daí deduz-se que o consentimento é irrelevante para a caracterização do tráfico de pessoas.

Conforme a Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011, p. 14) a maneira com que a sociedade e a cultura atual foram construídas desencadearam diferentes espaços de poder entre homens e mulheres. Enfatizando a dominação masculina que sobressai à submissão feminina, permitindo uma objetificação do corpo feminino, sendo símbolo de lucro. Essa situação sociocultural acaba por vincular a imagem da mulher brasileira à sexualidade, assim incentivando até mesmo o turismo sexual no Brasil.

Para Vieira (2015, web) o início dos debates relacionados ao comércio sexual no Brasil e na Europa foi a partir da década de 1990, onde há prostituição acabou por ser vinculada ao turismo sexual no nordeste do país, acarretando no aumento das brasileiras como profissionais do sexo nos países da Europa, principalmente na Espanha.

A vinculação entre deslocamentos nos mercados do sexo e tráfico de pessoas recria noções que permeiam a literatura internacional e os debates feministas sobre prostituição. Tais noções são atualizadas por instâncias diversificadas, organizações dedicadas a proteger os direitos da criança, movimentos de mulheres e organismos que combatem o crime organizado transnacional, em discussões nas quais confluem interesses que operam em diversos planos (VIEIRA, 2015, web).

Fatores como a desinformação, a pobreza, a prostituição (na busca de melhores oportunidades de exercer essa profissão de forma mais rentável), a desestruturação e violência doméstica e familiar (que ocasiona evasão para a procura de novas oportunidades em locais distantes) e a falta de perspectiva, são os principais motivadores das mulheres encontradas em situação de tráfico de pessoas, diretamente ligados ao contexto vivenciado por elas (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011, p. 14-15).

A Secretaria de Políticas para as Mulheres (2011, p. 15) traz o perfil das mulheres em situação de tráfico de pessoas com:

Idade entre 18 e 30 anos, são oriundas de classes populares, com baixa escolaridade, habitantes de espaços urbanos periféricos, algumas com passagem pela prostituição, moram com algum familiar e tem filhos, as famílias apresentam quadros agudos de violência social, moradia precária, falta de saneamento, estão inseridas em atividades mal remuneradas, sem carteira assinada, sem direitos assegurados, sem possibilidade de ascensão e melhoria, a maioria á sofreu algum tipo de violência intrafamiliar (como abuso sexual, estupro, abandono, maus-tratos).

O tráfico de pessoas causa danos muitas vezes irreversíveis, onde são destacados cinco deles: psicológico que aparece na depressão, na baixa da autoestima, na dificuldade para a interação social; o dano social com a ocorrência do isolamento, da timidez excessiva, desconfiança; o econômico causado por dívidas com os traficantes, a perda de bens pessoais e familiares; o físico que pode ir desde o uso forçado de drogas, privação de alimentação, sono e liberdade, até DSTs/HIV e abortos forçados; e o legal, onde por exemplo a prostituição pode ser crime no país de destino, prisão, deportação (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011, p. 16).

Existem dificuldades maiores e que estão anteriores à prostituição, que acabar por se tornar obstáculos, sendo eles:

Os países encaram a prostituição de forma muito diversa, sendo crime em alguns e regulamentada como profissão em outros, dando espaço ao desconhecimento de direitos; tratamentos diferenciados e por vezes inadequados [...]; a legislação criminal brasileira continua a tipificar o Tráfico de pessoas atrelando à prostituição em contraste com a normativa

internacional que se refere também à outras finalidades do tráfico de pessoas, ressaltando que o Protocolo Anti-Tráfico de Pessoas exclui de seu escopo de aplicação a situação de prostituição voluntária; o consentimento da vítima que já teve contato com o mercado do sexo é visto com muito preconceito e dificulta a correta identificação de possíveis casos de tráfico de pessoas (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011, p. 28).

O foco da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2011, p. 28) não é impedir a prostituição, mas impedir que qualquer pessoa tenha benefícios da exploração da prostituição de outro, bem como garantir que não haja desrespeito aos direitos fundamentais e dignidade das pessoas.

#### 2.4.5 Aspectos culturais da prostituição

Para que uma civilização possa ter continuidade “[...] as mulheres devem procriar e serem formadas as novas gerações, tornando-se, desta maneira, necessário um conjunto definido de regras que possibilitem perpetuar, através das gerações, os padrões básicos da realidade social” (BACELAR, 1982, p. 3), é na família que as principais regras aceitas pela sociedade são repassadas, através do conhecimento daqueles que compõe o ambiente familiar, assim se tornando o modelo de família para aquele indivíduo.

Na construção dos relacionamentos interpessoais, todas as sociedades criam suas regras e normas, tanto jurídicas quanto pela forma de contratos sociais que estão intrínsecos nos mais diversos grupos. Os costumes expressam uma forma de solidariedade que funda o comportamento como ritual, onde pode levar a se tornarem normas de direito. Estes costumes não se opõem ao direito e podem até ser base a ele ao emprestarem algumas de suas características.

Nas sociedades “modernas”, com a presença do Estado e aparelhos especificamente orientados para a manutenção da ordem jurídica, a instituição familiar apresenta-se fixada por um aparato jurídico-normativo, definindo as suas principais características e reforçando a sua concepção legitimada (BACELAR, 1982, p. 6).

Porém, a ordem normativa não tem inteira efetividade sobre o ser humano, pois deve ser levado em conta a maneira com que o comportamento dos indivíduos é sujeito a mudanças, “as leis do grupo são feitas na e através da interação de cada um com cada outro e tem sua origem na liberdade de cada membro” pela maneira com que as normas são absolvidas por aquele grupo e intrínsecas em seus padrões

comportamentais, mas também naquelas regras que são rejeitadas por cada membro do grupo (BACELAR, 1982, p. 10).

Para a construção de um vir-a-ser feminino que encontra a sua expressão na representação simbólica ou na imitação das práticas dos adultos. Com relação aos signos de pertinência grupal, cabe observar que os indivíduos quando iniciam sua trajetória rumo à conquista de seu espaço social, fazem-no recuperando da memória, elementos ou signos de pertinência a um grupo que lhe são conferidos por uma herança cultural, fruto também de relações produtivas desenvolvidas por seus antepassados. Esse capital cultural inclui bens simbólicos que se ligam às articulações sociais de seus avós e de seus pais (SEVERINO, 2013, p. 38, 39).

Os indivíduos que frequentemente recebem rótulos de criminosos, delinquentes, loucos, são aqueles que não tem a plasticidade necessária para ajuste às regras institucionais, apresentando desvio radical desta linha normativa. Para que ocorra a adaptação é necessária capacidade de interação de “efetivar um cálculo interpretativo” e também a de interpretação das normas, que assim irão ser reproduzidas através da expressão do indivíduo e das relações de poder (BACELAR, 1982, p. 10). “Entretanto, o desvio não está no indivíduo ou ato da pessoa, e sim na identificação, no jogo de atribuição de divergência de uns aos outros” (BACELAR, 1982, p. 11).

O autor supracitado comenta que:

Nenhum indivíduo será sempre completamente desviante; existirão sempre certas áreas em que ele agirá como um cidadão “normal”. [...] os grupos não se desviam inteiramente, de maneira total, da ordem normativa familiar. Verifica-se somente uma “ruptura parcial” do modelo de família admitido na sociedade (p. 13).

Conforme o pensamento de Severino (2013, p.89) a cultura das mulheres que vivem da prostituição deveria ter o direito inserido dentro das normas para relações sociais, mas por conta de experiências que não trazem boas memórias, acabam por se degradar e reger as relações através de costumes necessários, e não que lhes parece correto.

Dependendo de como a família de onde essa mulher veio é como ela construirá seus emblemas sociais, é como ela responderá ao grupo em que está inserida socialmente, se houver a ausência de bens e signos desta família de origem, acabará por atrapalhar a comunicação dessa mulher com o sexo oposto do seu meio social, frustrando expectativas essencialmente sociais e comunitárias (SEVERINO, 2013, p. 37, 38).

Conforme estudos, Severino (2013, p. 52,53) discorre que para que um grupo familiar possa ser parte total de uma sociedade é necessário que este encontre sua posição na divisão trabalhista, onde há a evolução e desempenho de sua função social, mas é observado, que a família de uma prostituta muitas vezes não participa desse processo para a produção da sociedade, pois por diversos fatores acabou por não encontrar seu espaço, isso acaba por acarretar nos membros da família indo em busca de novas maneiras que levem ao reconhecimento social, sendo este reconhecimento advindo das diferentes ocupações não formais.



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 NATUREZA DA PESQUISA

O tipo de pesquisa desenvolvido foi o bibliográfico, cuja natureza teve caráter descritivo e qualitativo, visando descrever e analisar os fenômenos e aspectos empíricos sob a fundamentação dos referenciais teóricos, o que foi possível através da exploração de livros e de artigos científicos publicados em revistas científicas; as consultas incluíram materiais bibliográficos elaborados por pesquisadores ou profissionais que tratam sobre o assunto sexualidade ou prostituição, e que se encontram disponibilizados na internet, em meios eletrônicos.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base noerial já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como, fitas magnéticas, CDs, bem como material disponibilizado pela Internet (GIL, 2010).

Em relação ao caráter descritivo da pesquisa, Oliveira apud Fischer (2001, p. 8) explica que o estudo descritivo envolve a correspondência entre variáveis fundamentais para as diversas ciências sociais, e permite ao pesquisador uma melhor compreensão sobre o comportamento de vários fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.

Segundo Santos e Candeloro (2006) a pesquisa de natureza qualitativa permite ao acadêmico levantar dados subjetivos e outros níveis de consciência da população alvo, ou seja, informações relevantes acerca do universo a ser investigado, que leve em consideração a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural.

O universo ou população de uma pesquisa depende do assunto a ser investigado, e a amostra, porção ou parcela do universo, que realmente será submetida à verificação, é obtida ou determinada por uma técnica específica de amostragem (MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 27).

Andrade (2006), explica que o universo é constituído por todos os elementos de uma classe, ou toda a população. Como é praticamente impossível estudar uma população inteira, ou todo o universo dos elementos, escolhe-se determinada quantidade de elementos para objeto de estudo. Os sujeitos, ou elementos de investigação compreendem a amostra da população ou do universo.

O método qualitativo de pesquisa se distingue em muito do método quantitativo. Segundo Perdigão (2012) a pesquisa quantitativa fornece informações numéricas que são analisadas com a utilização da estatística, conforme os números e porcentagens levantados por meio de amostras da população. O método quantitativo devolve à população os resultados normalmente obtidos a partir de um questionário aplicado à população de respondentes, no caso, a amostra. Os resultados da amostra são representativos de uma determinada população.

### 3.2 PROCEDIMENTOS

Para este trabalho, como supracitado, a pesquisa utilizou o método bibliográfico e descritivo, portanto não foram realizadas entrevistas com grupos de pessoas, por não se tratar de pesquisa de campo. Neste sentido, a pesquisa se restringiu ao universo das mulheres que se prostituem, sem delimitação de amostragem.

A pesquisa foi executada no segundo semestre (setembro a novembro) do ano dois mil e dezoito (2018), através do curso de Psicologia, ministrado pela UNIARP - Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, sob a orientação das professoras Neuzeli Aparecida da Silva (Orientadora de Conteúdo) e Sônia de Fatima Gonçalves (Orientadora Metodológica).

Parte do material bibliográfico estava disponível na biblioteca universitária, mas devido à insuficiência de livros que contivessem conteúdo mais específico sobre o tema prostituição, houve a necessidade de busca de referenciais na internet, bem como a compra de alguns livros para atender à necessidade acadêmica.

Após a etapa de investigação com base no referencial teórico, o próximo passo contemplou a análise minuciosa e reflexiva das informações obtidas e discussão dos resultados.

### 3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Neste estudo a análise dos dados será qualitativa. Conforme GIL (2007) a análise qualitativa envolve vários fatores, “tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que norteiam a investigação”. O autor refere, contudo, que “definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução de dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. (GIL, 2007, p. 133).

As informações colhidas foram analisadas de forma a favorecer um novo conhecimento que promova a conclusão das ideias a respeito do tema proposto.

A prostituição carrega junto ao seu nome estigmas e significados, um histórico onde vai da extrema permissividade à proibição com a punição para a atividade. As mulheres que fazem o uso desta são vistas muitas vezes como preguiçosas, como pessoas que exacerbam sua sexualidade e que só pretendem ganhar dinheiro de maneira fácil, mas com este estudo pode ser observado que não há apenas um fator motivador para a busca pela prostituição, mas não se exclui estas motivações citadas anteriormente das reais causas do prostituir-se.

As mulheres que se encontram usufruindo da prostituição devem ser compreendidas como um ser humano com uma história, com uma formação de personalidade e com fatores ambientais que influíram a se tornarem as pessoas que são.

Inicialmente é necessário vislumbrar a formação cultural desse indivíduo, que cresceu perante regras impostas pela sua família, regras estas que podem estar direcionadas ao correto perante a lei, ou não. Mas normas que embasaram a maneira com que se portam e com que interagem em suas relações interpessoais. A mulher irá responder aos grupos sociais de acordo com os significantes familiares, se há a ausência destes ocorre a frustração, se o seu grupo familiar não encontra seu espaço na sociedade, os membros acabam por buscar maneira diversas para terem reconhecimento ocupacional, e este importante fator na vida destes membros pode advir muitas vezes de ocupações não formais, e aí se inicia um processo confuso na busca pelo trabalho.

Severino (2013, p. 45) ainda complementa o que foi dito anteriormente, afirmando que: “o isolamento dos sujeitos, impostos pela divisão do trabalho, de um lado, exacerba a sexualidade, enquanto, de outro, impede a sua plena satisfação”. A

prostituição é algo que não promove reconhecimento social, se tornando um fator gerador de sofrimento e de adoecimento.

Mas muitas vezes o sofrimento está presente anterior a vivência da prostituição, sendo o que acaba por impulsionar a mulher. O sofrimento pode advir de dificuldades financeiras, de problemas com relacionamentos, com os familiares, doenças, problemas emocionais e de transtornos mentais. Mulheres prostitutas apresentam alguns sintomas diversos transtornos mentais como de depressão, de stress crônico, há a presença de ideação suicida antes e após o ingresso na prostituição, entre muitos outros transtornos, o que pode acarretar em diversas consequências desagradáveis, como o uso de drogas, a consumação do suicídio e o constante sofrimento psíquico desta mulher.

Segundo a psicanálise, a organização do emocional do indivíduo está diretamente ligada a sexualidade, mas esta sexualidade não está conectada diretamente ao ato sexual e sim ao que produz prazer para aquele ser. Reis, Junqueira e Silva (2012, p. 289), referem o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como conceitualização de sexualidade:

A sexualidade é uma necessidade básica, e um aspecto central do ser humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, e não pode ser separada de outros aspectos da vida. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico.

Durante o período edípico a menina se apaixona pelo pai, para que ela possa elaborar suas pulsões em algum momento ela precisará superar esse complexo, Carneiro (2014, web) traz o que pode ter acontecido com a mulher prostituta, ela se sentiu traída por ter que escolher outro senão o seu pai e então acabou por querer todos e não somente um, se entregando principalmente a homens desconhecidos.

A prostituição está ligada diretamente a reprodução de fantasias, do cliente, mas principalmente da mulher prostituta, onde ela busca o prazer conforme as suas vivências pessoais, que se refletem na sua atividade, mas este processo depende da pessoa que ela esteja se relacionando, com ênfase em seus atributos físicos e o que ele representa para ela, portanto não se pode excluir a possibilidade de haver prazer na prostituição.

Dentro ainda do tópico fantasias, há uma onde a mulher pode disponibilizar seu corpo a um homem, sem regras, escolhas, condições, sendo assim, livre para gozar

de seu corpo, sem se culpabilizar por aquilo, se prostituir como uma maneira de vivenciar a sexualidade livremente. Guimarães (2007, p. 75, web) encara isso como uma atitude de rebeldia, onde há a oposição as regras e moralidades, voltadas principalmente ao casamento, maternidade e submissão.

O exercício da prostituição envolve algo que vai além da satisfação de desejo e das fantasias sexuais, as mulheres que se prostituem demonstram desde a abstinência sexual até a solidão, encontrando em seus programas pessoas que possam suprir por um determinado tempo esse vazio afetivo.

Há uma busca pelo carinho, pelos cuidados que muitas vezes não foram providos pelos pais. A psicanálise vê a prostituição como uma vingança pela carência amorosa e como uma descarga de ódio. São estes fatores que acabam sendo a explicação para que elas apresentam tamanha dificuldade em amadurecer emocionalmente e se tornarem independentes. Inconscientemente sentem que nunca receberam o amor na infância, e a demanda pela atenção permanece sempre presente. Com isso, fica um pouco mais clara a noção do dinheiro enquanto um símbolo de afeto, calor humano e carinho, já que representa o alimento que elas tanto imploraram, mas que nunca tiveram.

O processo da prostituição quanto a funcionamento psíquico segundo Guimarães (2007, p. 88, 89, web) se utiliza de quatro mecanismos de defesa para que esta mulher possa exercer esta atividade sem grande sofrimento consciente, o primeiro deles a projeção, onde elas acabam afirmando que todas as mulheres são putas. O segundo mecanismo é a negação, destacando que não existiria diferença entre a prostituição e qualquer outro negócio. O terceiro se refere a uma formação reativa, em uma busca de exteriorizar atos extremamente opostos ao impulso originário, por exemplo, tentando se mostrar alegre, independente, bem resolvida sexualmente. E o quarto corresponde à auto degradação, acreditando que, por ter sofrido a vida inteira a rejeição, passam a desacreditar na vida e nas afetividades verdadeiras. Mas por último, pode ser observada a presença marcante de aspectos depressivos.

Mas o sofrimento psicológico não é único vivenciado por estas mulheres. Elas estão expostas a todos os tipos de violência, principalmente acarretado pelos locais que utilizam para desenvolver sua atividade, muitas vezes sendo na rua, em locais de alto risco. A violência física é a mais presente neste meio, pode vir dos policiais, dos agenciadores, dos clientes, por conta do pagamento que não é acordado de antemão,

pelo não uso da camisinha, e diversos outros fatores. Também existe a violência psicológica que pode ser advinda destes mesmos fatores citados anteriormente, sendo uma consequência deles. E a violência sexual, que acontece com bastante frequência, mesmo sendo uma atividade ligada ao sexo há uma diferença bastante grande entre relação sexual e violência sexual.

Um das únicas situações onde pode ser encontrada uma satisfação significativa dentro da vivência da prostituição é com as garotas de programa, ou prostitutas de luxo, que fazem parte de boates em bairros nobres, catálogos de modelos, clubes de strip-tease. Elas não se dedicam somente aos programas sexuais, podem desenvolver atividades como acompanhantes de executivos. Mas ainda sim correm os mais diversos riscos, pois ainda estão envolvidas com a prostituição e sujeitas aos mais diversos tipos de abusos e violências que a estigmatização carrega com esta atividade.

Com esta pesquisa pode ser observado que a figura da mulher prostituta é composta através de estereótipos, sendo para Adler “uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente. Abandona o lado paterno porque foi encorajada a isso ou porque acredita numa liberdade ilusória” (ADLER, 1991, p.13 apud GUIMARÃES, 2007, p. 93, WEB). Estas mulheres estão em meio a um sofrimento significativo buscando pela satisfação do outro mas principalmente pela própria, em meio a transtornos mentais, a históricos de violência não só com a prostituição mas anterior a esta, desestruturação familiar, solidão e diversos outros fatos que possam vir a acarretar o sofrimento deste ser humano.

Por fim, há um questionamento que acomete a todos, uma mulher que se prostitui viverá apenas de sofrimento? A pessoa em mínimas situações consegue sozinha perceber os riscos e as mazelas que a prostituição carrega, mas é necessário o trabalho efetivo do psicólogo, para que possam ser trabalhadas as mais diversas questões que levaram a mulher a esta situação e o alívio de uma parcela desta dor vivenciada. Freud (1937 apud Carneiro, 2014, web) salienta que ao final de uma análise, qualquer sujeito deve ser capaz de amar e trabalhar, enfrentando o sofrimento neurótico se direcionando a uma infelicidade comum. Quando há a capacidade de amar e trabalhar juntamente da autonomia, o indivíduo terá a possibilidade de ser feliz, dentro das mais diversas conceituações de felicidade, independentemente de qualquer que seja sua profissão. Portanto, é possível sim, que uma mulher que se prostitui consiga

se tornar independente e conhecedora de sua situação, assim indo a busca de sua felicidade fora de um quadro de sofrimento significativo.

## CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso possibilitou compreender um pouco mais sobre o universo da prostituição e as pessoas que estão envolvidas com esta atividade, os conceitos de sexualidade e o desenvolvimento desta não só em todas as pessoas, mas o seu significado para a mulher que se prostitui. Este campo é extremamente amplo e pode abranger as mais diversas áreas da psicologia, enquanto pesquisa e atuação do psicólogo neste meio. Com isso, pôde-se perceber a necessidade de pesquisas direcionadas e uma visão voltada as mulheres que se envolvem com a atividade.

O conhecimento teórico proporcionado pela elaboração deste trabalho é de suma importância na formação de um acadêmico que está se direcionando ao exercício como profissional logo, dá a ele uma visão ampla, perante as diferenças nos mais diversos ambientes e os mais diferentes tipos de conhecimento inseridos em cada contexto. Esta experiência é relevante para qualquer um que desejar aprofundar e desenvolver suas habilidades e conhecimentos, que são indispensáveis para um bom profissional.

Diversos dados obtidos amplificam o conhecimento da Psicologia perante ao tema, dados estes válidos para o estudo aprofundado e pesquisa, mas também para voltar a visão para este grupo que tanto necessita de intervenções psicológicas. Pode ser demonstrada com esta pesquisa que, estas mulheres necessitam de mudanças e de um cuidado diferenciado, não só psicológico, mas de uma equipe multidisciplinar que possa abranger todas as dificuldades encontradas por estas pessoas, que podem ser atendidas por um profissional do serviço social, da medicina, do direito e os mais diversos profissionais que possam colaborar na melhora da qualidade de vida das mulheres prostitutas.

Esta pesquisa teve como principal objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o tema prostituição de modo a compreender as mazelas e complexidades da vivência da sexualidade por parte das mulheres, compreender os aspectos psicossociais envolvidos e o papel do psicólogo neste contexto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica para abranger este complexo tópico, estudar os aspectos psicológicos e sociais, analisar pela visão psicanalítica a experiência da prostituição e compreender o papel do psicólogo diante as demandas que surgirem deste meio, estes objetivos foram alcançados através da pesquisa, podendo assim, obter conhecimento de grande valia



para a formação acadêmica, dando ênfase no sofrimento, que é vivenciado no dia a dia do psicólogo.

Pode ser trazida a visão dos mais diversos autores que falaram sobre a prostituição foi possível expor o sofrimento humano em um nível diferente e com aspectos diversos, os quais normalmente na academia não é possível ter acesso, até mesmo na vivência profissional, dependendo da área para qual o futuro psicólogo vá escolherá atuar.

Os principais fatores que influem para a entrada no caminho da prostituição são os ambientais, advindos da construção social deste ser humano, e também da construção da personalidade deste, que está diretamente ligada a maneira pela qual ele será criado e estimulado dentro do seu ambiente familiar, além dos fatores genéticos. Mas as experiências de uma pessoa durante toda a sua vida e a sua organização psíquica serão fatores imprescindíveis para o desenvolvimento e futuro desse sujeito.

A prostituição é sempre uma busca, a mulher sempre está querendo encontrar algo. Este algo pode ser carinho, dinheiro, alimento, uma fuga da solidão, fuga dos problemas, busca pela realização de desejos e fantasias, busca por amor, entre diversos outros fatores. Ela está ligada à procura da real satisfação, podendo ser suprida com facilidade ou não, e momentânea, pois no meio desta busca sempre haverá o sofrimento e os aspectos que levaram a mulher a ir para o caminho da prostituição.

Pesquisas futuras poderiam ser feitas a campo, a fim de ter a vivência real das mulheres que estão envolvidas com a prostituição e as completudes dessa atividade, somando ao meio acadêmico científico e buscando maneiras de ajudar estas pessoas que estão em sofrimento significativo.

## REFERÊNCIAS

ANACLETO, Aline Ariana Alcântara; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e corporeidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ANDRADE, Maria Cristina Castilho. **Mulheres Prostituídas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/seminario/sem2/cris1.htm>>. Acesso em set. 2018.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia científica**: São Paulo: Editora Atlas, 2006.

ANTON, Iara L. Camaratta. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes**. Paraná, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n4/a13v17n4.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas. **É possível ser prostituta e ser feliz?** Minas Gerais, 2014. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952014000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000100003)>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2017.

ESTEFAM, André. **Homossexualidade, prostituição e estupro: um estudo à luz da dignidade humana**. São Paulo: Saraiva, 2016.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2011.

FILHO, Luciano Ferreira Rodrigues. **Prostituição: um estudo sobre as dimensões de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho**. Revista Lugar Comum, n° 42, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/112508140153Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20sofrimento%20ps%C3%ADquico%20entre%20as%20profissionais%20e%20seu%20trabalho%20-%20Luciano%20Rodrigues%20Filho.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112508140153Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20sofrimento%20ps%C3%ADquico%20entre%20as%20profissionais%20e%20seu%20trabalho%20-%20Luciano%20Rodrigues%20Filho.pdf)>. Acesso em 01 setembro de 2018.

FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária Ltda, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, livro XIX**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

**GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE**. Librairie Larousse, Paris. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1975.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Roberto Mendes. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso das mulheres prostitutas**. Ribeirão Preto – SP, 2007. Disponível em: <[https://www.ffclrp.usp.br/imagens\\_defesas/31\\_05\\_2010\\_\\_20\\_24\\_51\\_\\_43.pdf](https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/31_05_2010__20_24_51__43.pdf)>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Porto alegre: Artmed, 2000.

LAGENEST, J. P. Barruel. **Mulheres em Leilão: um estudo da prostituição no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1973.

MARCONI, Marina de Andrade; LACKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. **A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades**. Ribeirão Preto, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692012000500018&script=sci\\_arttext&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692012000500018&script=sci_arttext&tIng=pt)>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Thaís Zimovski; GUIMARÃES, Ludmila Vasconcelos; FERREIRA, Debora Pazzeto. **Mulher, Prostituta e Prostituição: da história ao Jardim do Éden**. Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tpa/article/view/33214/17859>>. Acesso em set. 2018.

PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cpa/n25/26528.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

PERDIGÃO, Dulce Mantella. **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

REIS, Rosana Maria dos; JUNQUEIRA, Raquel Rosa; SILVA, Ana Carolina Japur de Sá Rosa-e. **Ginecologia da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SANTOS, Manoel Antônio dos. **Prostituição masculina e vulnerabilidade às dsts/aids**. Florianópolis, Santa Catarina, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072011000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 23 de outubro de 2018.

SANTOS, Vanice dos. CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos Acadêmicos**. Porto Alegre: AGE Ltda, 2006.

Secretaria da Políticas para as Mulheres. **Tráfico de mulheres: política nacional de enfrentamento**. Brasília: Coleção enfrentamento à violência contra as mulheres, 2011.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa; COSTA, Teêsa Neumann Alcoforado. **Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens**. Ribeirão Preto, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13471.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

VIEIRA, Marcos Sardá. **Deslocamentos femininos e prostituição**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2015000200629](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000200629)>. Acesso em setembro 2018.

YOSHIDA, Elisa Medici Pizão; ELYSEU JR, Sebastião; SILVA, Fernanda Robert de Carvalho Santos; FINOTELLI JR., Itor; SANCHES, Fabrícia Medeiros; PENTEADO, Elisa Frederich; MASSEI, Ariane Cristina; DA ROCHA, Gláucia Mitsuko Ataka; ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. **Psicoterapia psicodinâmica breve: estratégia terapêutica e mudança no padrão de relacionamento conflituoso**. Itatiba, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712009000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000300004)>. Acesso em 01 setembro de 2018.